

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

DANIELA SAORI HATANO

A evolução do fazer bibliotecário: novas funções dentro da área da saúde

SÃO PAULO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

DANIELA SAORI HATANO

A evolução do fazer bibliotecário: novas funções dentro da área da saúde

Trabalho de conclusão de curso em
graduação em Biblioteconomia, apresentado
no Departamento de Informação e Cultura

Orientação: Profa. Dra. Cibeles Araujo dos
Santos

SÃO PAULO
2023

VERSO DA FOLHA DE ROSTO

Nome: Daniela Saori Hatano

Título:

Aprovado em:

Banca:

Nome:

Instituição:

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer meus pais e irmã por sempre me apoiarem e ajudarem.

Gostaria de agradecer também meus amigos de longa data Fernando e Thaís e a minhas novas amigas Júlia e Laryssa.

E por último, mas não menos importante, a Professora Cibele Araújo por sempre me guiar e apoiar.

RESUMO

Este trabalho analisou como a profissão bibliotecária se adaptou às mudanças da sociedade ao longo dos anos e como ela se desenvolveu e consolidou na área da saúde. O trabalho foi feito a partir de uma abordagem qualitativa e utilizou de artigos e livros encontrados em bases de dados. Foi feito um breve resumo sobre a história das bibliotecas e da Biblioteconomia a história da Biblioteconomia no Brasil também foi explorada. Em seguida, analisou a trajetória da Biblioteconomia Clínica no Brasil e as funções do bibliotecário médico tanto no âmbito da pesquisa quanto no da função social. Concluiu-se que os bibliotecários da área da saúde ainda tem um longo caminho a ser andado para receberem reconhecimento no país e que sua existência é de extrema importância, principalmente em momentos de crise sanitária.

ABSTRACT

This work analyzed how the librarian profession followed changes in society over the years. The work was done from a qualitative approach and used articles and books found in databases. A brief summary of the history of libraries and Library Science was made. The history of Library Science in Brazil was also explored. Then, it analyzed the trajectory of the Medical Library in Brazil and the functions of the medical librarian both in the scope of research and in the social function. It was concluded that health librarians still have a long way to go to receive recognition in the country and that their existence is extremely important, especially in times of health crisis.

LISTA DE SIGLAS

AACR2	<i>Anglo American Cataloguing Rules 2</i>
AAMSI	<i>American Association for Medical Systems</i>
ACMI	<i>American College of Medical Informatics</i>
AMIA	<i>American Medical Informatics Association</i>
BIREME	Centro Latino- Americano e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde
BN	Biblioteca Nacional
Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CEHFR	Centro de Estudos do Hospital Felício Rocho
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DSI	Disseminação Seletiva da Informação
ENANCIB	Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação
IFLA	<i>International Federation of Library Association</i>
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

IMLA	Index Medicus Latino- Americano
LILACS	Literatura Latino- Americana do Caribe em Ciências da Saúde
MBE	Medicina Baseada em Evidências
MLA	<i>Medical Library Association</i>
NML	<i>National Medical Library</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan- Americana em Saúde
PUB	Programa Unificado de Bolsas
SCAMC	<i>Symposium on Computer Application in Medical Care</i>
SciELO	Biblioteca Eletrônica Científica Online
SUS	Sistema Único de Saúde
UMK	<i>University of Missouri- Kansas</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVO GERAL.....	14
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
2. MÉTODO DE PESQUISA.....	15
3. METODOLOGIA	16
4.1 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA	19
4.1.1 A ORIGEM DA PALAVRA	19
4.1.2 AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS.....	20
4.1.3 A ERA MODERNA	23
4.1.4 MUDANÇA NO SIGNIFICADO DA PALAVRA BIBLIOTECONOMIA	24
4.1.5 A REVOLUÇÃO FRANCESA	26
4.1.6 AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA	26
4.1.7 OS PRINCIPAIS NOMES DA BIBLIOTECONOMIA.....	28
4.1.8 A PROFISSÃO	31
4.2 A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL	34
5. BIBLIOTECÁRIOS NA ÁREA DA SAÚDE	41
5. 1 A PESQUISA	45
5.1.2 A PANDEMIA DE COVID-19.....	48
5. 2 A FUNÇÃO SOCIAL	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
7. REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

Os estudos na área da Saúde sempre foram de extrema importância para a sociedade, ainda mais nos últimos anos, em decorrência da pandemia causada pelo vírus COVID-19, o qual ninguém no mundo estava preparado. Por conta disso, agentes de múltiplas áreas profissionais, como a Educação, a Comunicação e a Saúde tiveram que descobrir novos meios de trabalho e convivência. Nesta última, mais especificamente no contexto dos hospitais e centros de saúde, destacou-se a atuação dos enfermeiros, médicos, faxineiros e recepcionistas no combate deste momento crítico e delicado. Mas e os bibliotecários inseridos neste contexto?

A imagem de um bibliotecário que se limita ao trabalho em bibliotecas com uma postura fechada e reclusa é coisa do passado; a noção de alguém que não gosta de interagir com o público foi e ainda é reforçada pela cultura pop. Contudo, a realidade é muito diferente, o bibliotecário é alguém que trabalha constantemente com o público e atua em diversos lugares, como empresas, hospitais, bancos, etc. Qualquer lugar que tenha informação que precise ser organizada para uma fácil recuperação pode e deveria contratar um profissional da informação.

O interesse desse trabalho surgiu da participação do projeto “Estudo para criação de disciplina profissionalizante sobre Organização e Recuperação da Informação em Saúde” do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo, criado pela professora Cibele Araujo dos Santos e do contexto da Pandemia de COVID- 19.

O trabalho desenvolvido em unidades da área da saúde pelos bibliotecários é ligeiramente diferente dos que trabalham em lugares mais tradicionais, como bibliotecas públicas. Além das atividades convencionais da área, como a pesquisa, indexação, treinamentos em bases de dados e normalização, catalogação e atendimento ao usuário, os bibliotecários de instituições de saúde desempenham funções mais ativas nesses lugares, chegando a acompanhar os médicos e enfermeiros nas visitas aos pacientes e ajudando nos diagnósticos.

É muito comum dentro da Biblioteconomia que seus profissionais acabam trabalhando por muitos anos em algum ramo ou área específica, em decorrência disso, eles se tornam especialistas nelas. Um exemplo seriam os bibliotecários que trabalham há muito tempo em bibliotecas de obras raras. Esses profissionais têm

muito conhecimento sobre conteúdos específicos que não são abordados com muita profundidade durante a graduação, como processos da produção do papel, encadernação, editores famosos entre outras particularidades. O mesmo vale para quem trabalha em bibliotecas universitárias, o contato inevitável no dia a dia, seja catalogando, indexando ou atendendo os usuários, das áreas da Química, Física, Artes, História, Geografia, entre outros assuntos dão a essas pessoas uma visão mais aprofundada dos temas.

Dentro desse contexto, onde o convívio aprofundado a longo prazo com determinado assunto gera um profissional da informação especializado, surgem termos como “bibliotecário médico”, “bibliotecário clínico” e “informacionista clínico” (Beraquet, 2007; Beraquet; Ciol, 2009; Biaggi, 2018; Ciol; Beraquet, 2009; Reis, 2021; Silva, 2005; Souza, 2020; Souza, 2021) para se referir aos profissionais da informação que exercem atividades em centros de saúde, bibliotecas hospitalares e bibliotecas de faculdade da área da saúde. Os afazeres desses profissionais não são muito explorados durante o curso de graduação e a possibilidade de empregabilidade dentro de hospitais e centros de saúde é pouco mencionada, o que acaba limitando a visão do aluno sobre a profissão e passa a impressão de que há pouco espaço para expandir e desenvolver o fazer bibliotecário.

Ao longo dos anos, a profissão bibliotecária evoluiu de acordo com as necessidades informacionais da sociedade e com elas surgiram novos métodos de trabalho. Atualmente, a categoria profissional desenvolve funções muito diferentes das que foram estabelecidas séculos atrás. O advento da tecnologia, como computadores, a Internet e os smartphones transformaram o fazer bibliotecário, as dinâmicas com os usuários mudaram drasticamente e o acesso à informação ficou mais fácil e rápido. Contudo, isso culminou em um aumento significativo na quantidade de informação existente, o que tornou a profissão algo de extrema importância, levando-se em conta que a era atual é a da informação.

Na literatura é possível encontrar os termos “bibliotecário médico”, “bibliotecário clínico” e “informacionista clínico” (Beraquet, 2007; Beraquet; Ciol, 2009; Biaggi, 2018; Ciol, Beraquet, 2009; Reis, 2021; Silva, 2005; Souza, 2020; Souza, 2021) para se referir a esses profissionais que atuam em instituições de saúde. Cada artigo atribui uma função diferente para cada “subcategoria” da profissão, as tarefas executadas por cada um deles também varia de acordo com o

texto e o autor, conseqüentemente, gerando um certo grau de confusão nos estudiosos do assunto, afinal de contas, se existem duas nomenclaturas então deveriam existir duas definições distintas.

Após levantamento bibliográfico, percebeu-se que a literatura nacional sobre os bibliotecários na área da saúde é escassa, a pouca quantidade de material torna difícil um consenso nas definições de “bibliotecário clínico”, “bibliotecário médico” e “informacionista clínico”. Mesmo com a atuação de bibliotecários em centros de saúde e hospitais durante a pandemia de COVID-19, os artigos destacando o papel do bibliotecário nas instituições de saúde são poucos se comparados a outros temas mais clássicos da área.

Uma das possíveis razões pelas quais isso acontece é o acompanhamento da profissão com a sociedade moderna, sua evolução andou junto das necessidades informacionais das comunidades que serve essa saída do campo tradicional é algo recente, se comparado a idade da profissão. O campo da saúde está em constante mudança, tanto por conta dos estudos da área, quanto pelos avanços tecnológicos. A atuação nesse campo por parte dos bibliotecários nada mais é do que um avanço no que diz respeito ao serviços ao usuário oferecidos.

Apesar do papel realizado pelos bibliotecários ter sido de extrema importância durante a pandemia de COVID-19, não há muito reconhecimento da categoria, ou materiais publicados sobre o profissional e seus feitos. Isso de forma alguma quer dizer que o bibliotecário foi o profissional mais importante desses tempos, a pandemia só pode ser controlada graças ao trabalho coletivo de cientistas, enfermeiros, médicos e pesquisadores, mesmo com a sabotagem constante de um governo federal negacionista. O combate a pandemia não se deu apenas no âmbito científico, era (e ainda é) necessário enfrentar as notícias falsas, compilar e passar informações verdadeiras entra no escopo profissional do bibliotecário.

A indexação de *pre prints* e a seleção dos artigos mais apropriados nos momentos de crise, foram essenciais para o enfrentamento da pandemia, uma vez que a ciência não se faz sozinha do dia para a noite. A pesquisa exige tempo e dedicação, ainda mais quando o objeto a ser estudado é uma nova doença. Muitos dos estudos sobre o vírus causador da COVID-19 que saíram em 2020 não eram confiáveis, uma vez que os dados sobre a doença eram escassos. Filtrar aquilo que era pertinente para o trabalho de enfermeiros e médicos ficou nas mãos dos

bibliotecários dos centros de saúde e hospitais. O papel social que pode ser desenvolvido por bibliotecários dentro de centros de saúde e hospitais também será explorado.

Apesar de tudo isso, os trabalhos sobre esse grupo específico de bibliotecários não tiveram um aumento significativo nos últimos dois anos. Dentro desse contexto da falta de artigos científicos que foquem no fazer bibliotecário em conjunto com profissionais da saúde, esse trabalho justifica sua existência

1.1 OBJETIVO GERAL

O trabalho tem como objetivo geral analisar a evolução da profissão bibliotecária no contexto dos avanços na área da saúde e a partir disso: 1) apresentar o histórico da profissão, partindo da Antiguidade, chegando até os dias atuais; 2) explorar a história da Biblioteconomia no Brasil; 3) apresentar as definições da Biblioteconomia e dos termos "bibliotecário médico", "bibliotecário clínico" e "informacionista clínico" e por fim 4) descrever como esses profissionais se portam diante das mudanças da sociedade.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir a questão do bibliotecário atuante na área da saúde é o objetivo específico deste trabalho e a partir disso: 1) visa pensar em como a profissão evoluiu; 2) como se modificou de acordo com as necessidades dos usuários e ambientes; 3) quais as perspectivas dos bibliotecários da área da saúde no Brasil e por fim 4) sua função diante da sociedade.

2. MÉTODO DE PESQUISA

O método da pesquisa teve por natureza a pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa e descritiva, com um levantamento da literatura com livros e artigos clássicos que explicam as origens e funções do bibliotecário. Livros como Introdução à Biblioteconomia de Edson Nery da Fonseca; História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica de César Augusto Castro, História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais de Frédéric Barbier e A Biblioteconomia brasileira 1915-1965 de Laura Garcia Moreno Russo.

Os materiais mais recentes da área de Biblioteconomia foram explorados para explicitar a evolução da profissão; o que os bibliotecários da saúde fazem de diferente e suas demandas. Os artigos “Atuação do Bibliotecário Clínico em tempos de pandemia da COVID-19”, de Amanda Damasceno de Souza, Mariana Ribeiro de Fernandes e Adelino de Melo Freire; “Usuários da informação em saúde: das necessidades aos produtos e serviços informacionais” de Mariana Cristiane Barbosa Galvão e “Desenvolvimento do profissional da informação para atuar em saúde: identificação de competências” de Vera Beraquet, Renata Ciol, Simone de Oliveira, Natalia Chiavaro e Mário Chagas serão usados para explicar o papel desenvolvido pelos bibliotecário que atua na área da saúde.

3. METODOLOGIA

A partir dos materiais clássicos das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação adquiridos ao longo do curso de graduação, bem como pesquisas feitas em bases de dados especializadas, no trabalho foi realizado um estudo qualitativo e descritivo com levantamento bibliográfico e apontamentos críticos. As pesquisas nas bases de dados foram feitas com os objetivos de: 1) entender os processos de mudança da profissão bibliotecária ao longo dos anos e 2) compreender como os bibliotecários da saúde atuam hoje em dia no Brasil.

Foram feitas pesquisas na base de dados Brapci (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação) com os termos “evolução bibliotecária”, que resgatou um total de 6 resultados; “competências bibliotecárias” (27 resultados); “bibliotec* AND saúde AND hospital” (23 resultados); “atuação bibliotecária” (73 resultados) e formação bibliotec* (1232 resultados).

Também foram feitas buscas na base de dados SciELO (Biblioteca Eletrônica Científica Online) com os termos “evolução bibliotecária”, que resgatou apenas 1 resultado; “competências bibliotecárias” (1 resultado); “bibliotec* AND saúde AND hospital” (27 resultados); “atuação bibliotecária” (nenhum resultado) e “formação bibliotec*” (187 resultados).

O repositório do ENANCIB (Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação) também foi consultado, e os mesmos termos foram utilizados, “evolução bibliotecária” e “competências bibliotecárias” não apresentaram resultados, já “bibliotec* AND saúde AND hospital” apresentou 5 resultados, “atuação bibliotecária” (11 resultados) e “formação bibliotec*” (61 resultados).

O número de artigos selecionados de acordo com o termo e a base de dados podem ser encontrados nas tabelas a seguir.

Base de dados	Artigos encontrados (evolução bibliotecária)	Artigos selecionados (evolução bibliotecária)
Brapci	6	1
SciELO	1	0
ENANCIB	0	0

Tabela de resultados- autoria própria

Base de dados	Artigos encontrados (competências bibliotecárias)	Artigos selecionados (competências bibliotecárias)
Brapci	27	0
SciELO	1	0
ENANCIB	0	0

Tabela de resultados- autoria própria

Base de dados	Artigos encontrados (bibliotec* AND saúde AND hospital)	Artigos selecionados (bibliotec* AND saúde AND hospital)
Brapci	23	3
SciELO	27	0
ENANCIB	5	0

Tabela de resultados- autoria própria

Base de dados	Artigos encontrados (atuação bibliotecária)	Artigos selecionados (atuação bibliotecária)
Brapci	73	3
SciELO	0	0
ENANCIB	11	1

Tabela de resultados- autoria própria

Base de dados	Artigos encontrados (formação bibliotec*)	Artigos selecionados (formação bibliotec*)
Brapci	1232	2

SciELO	187	0
ENANCIB	61	0

Tabela de resultados- autoria própria

O trabalho pode ser identificado como uma pesquisa bibliográfica e explicativa com uma abordagem qualitativa, segundo as definições de Severino (2013) uma vez que utiliza registros de pesquisas anteriores encontrados em livros e artigos científicos. Os dados utilizados já foram explorados por outros autores, ou seja, as informações já foram levantadas e coletadas, o trabalho será o de agrupar e analisar. Por fim, o trabalho se identifica com uma abordagem qualitativa, porque não se apoia em dados e estatísticas, mas sim na qualidade dos textos encontrados.

4.1 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA

4.1.1 A ORIGEM DA PALAVRA

Para entender o fazer bibliotecário, é preciso primeiro analisar a história das bibliotecas, afinal de contas, no início os únicos lugares de trabalho para um bibliotecário eram as bibliotecas. Começemos pela origem da palavra biblioteca.

A palavra *biblioteca* vem do grego *bibliothéke* através do latim *bibliotheca*, tendo como raiz βιβλίον (*biblíon*) e θήκη (*théke*). A primeira, [...] significa livro, apontando como raiz latina *liber*, para entrecasca de certos vegetais com a qual se fabricava o papel na Antiguidade. *Théke*, por sua vez, é qualquer estrutura que forma um invólucro protetor: cofre, estojo, caixa, estante, edifício (Fonseca, 1996, p. 48).

Frédéric Barbier (2018) define biblioteca de forma similar, mas adiciona informações, segundo ele:

O sintagma de “biblioteca” evidentemente é de origem grega: βιβλίον- θήκη, ou seja, o armário dos livros. A biblioteca significa primeiramente um móvel definido por seu conteúdo: rolos (*volumina*), depois livros em cadernos (*codices*); por extensão ela vai designar a ou as salas em que esses móveis estão dispostos. O termo grego é transposto diretamente para o latim (*bibliotheca*) e empregado por exemplo para as novas instituições formadas pelos imperadores e postas à disposição do público (as bibliotecas romanas), mas continua raro e será praticamente deixado de lado durante a Idade Média: esse período prefere o latim *armarium*, o armário contendo livros (em alemão Bücherschrank). O derivado *armarius* significa eventualmente o personagem que é encarregado dos livros, ou seja o bibliotecário, ou o bibliotecário- arquivista, principalmente em uma casa religiosa (Barbier, 2018, p. 15-16).

É possível observar que desde os primórdios das bibliotecas, sempre foi necessário ter alguém encarregado da organização e manutenção desses espaços. E da mesma maneira que as bibliotecas evoluíram, a profissão de bibliotecário também se modificou.

Ainda segundo Barbier (2018): “o sintagma funciona como um paradigma, isto é, ele se declina de acordo com um contexto cronológico e espacial em relação ao qual teremos que defini-lo: em cada época a tipologia das bibliotecas muda” (p. 25). Isso porque o modo que espaços públicos e privados são definidos hoje em dia é totalmente diferente do modo que eram definidos na Roma Antiga ou na Idade Média, é impossível comparar as bibliotecas de antigamente com as de hoje, uma vez que as regras sociais e os sistemas políticos eram outros. Tendo isso em mente, seguiremos agora com as origens das primeiras bibliotecas, a começar pela Antiguidade.

Antes de tudo é preciso estabelecer que as bibliotecas só podem existir depois que uma sociedade cria um sistema de escrita e o difunde de modo amplo, por isso,

a história das bibliotecas está diretamente atrelada à história da escrita e dos livros. Também é importante reforçar que no mundo antigo o nível de alfabetização da população era extremamente baixo, o que tornava as bibliotecas lugares que serviam apenas às camadas mais abastadas da sociedade (Barbier, 2018).

4.1.2 AS PRIMEIRAS BIBLIOTECAS

As primeiras bibliotecas surgiram na Mesopotâmia, região onde atualmente é o Iraque, local de nascimento da escrita cuneiforme, o primeiro sistema de escrita de que se tem registro, os materiais necessários para a escrita eram ferramentas pontiagudas e tábulas de argila. Infelizmente, por motivos políticos e do tempo, pouco se sabe sobre essas bibliotecas. Mas, entre os anos de 1985 e 1987 foram encontrados no sítio de Sipar, móveis ou peças de uma biblioteca. Eles consistiam em nichos feitos de argila e gravetos, potes e cestos para organização, prateleiras e escrivaninhas. Quanto ao acervo, acredita-se que essas bibliotecas eram compostas por centenas de tabuinhas de argila, em 1850 foi descoberto que a biblioteca do rei neoassírio, Assurbanipal (668- 627 a.C.) era composta por 30 mil tabuinhas (Barbier, 2018).

Enquanto a Mesopotâmia usufruía dos rios Tigres e Eufrates e portanto, fazer a tábuas de argila era algo fácil, os egípcios tinham o papiro, planta comum no Delta do Nilo, o que fez eles optarem por escrever em rolos de papiro, sendo o sistema de escrita da época os hieróglifos. Enquanto as tábuas de argila podem sobreviver a incêndios e algumas condições climáticas, o papiro possui uma desvantagem, é um material extremamente frágil e por isso temos poucos exemplares desse tipo de substância. O sistema político e a geografia do Egito também eram diferentes dos da Mesopotâmia, tanto a administração quanto a geografia eram unificadas, resultando em menos bibliotecas (Barbier, 2018).

Uma das similaridades entre os dois países, ainda segundo Barbier (2018), era a camada social que tinha acesso à leitura e escrita, o conhecimento dos hieróglifos era reservado apenas ao palácio do faraó. Estima-se que apenas 1% da população pertencia a esse grupo no Império Antigo, com a maior porcentagem chegando de 5% a 7% no século VIII a.C. Havia dois tipos de biblioteca, que eram “conjuntos abrigados nos templos ou nos centros de poder político” (Barbier, 2018, p. 36). O primeiro tipo eram as Casas dos Livros, que abrigavam textos de caráter religioso e o

segundo eram as Casas da Vida, que consistiam em rolos de papiro sobre literatura e ciência (astronomia e medicina), além de terem ateliês de escrita e cópia.

Por fim, das bibliotecas da Antiguidade, talvez a mais importante e famosa de todas foi a Biblioteca de Alexandria, que começou como um anexo do Museu de Alexandria. Criada por Alexandre o Grande com o objetivo de guardar a totalidade do conhecimento humano registrado e baseada na biblioteca da Escola de Filosofia de Aristóteles. Não se sabe quais camadas da população tinham acesso à biblioteca, o que se sabe é que grande parte de seu acervo foi criado graças a um decreto de Ptolomeu III, que obrigava todos os navios que parassem nos portos a entregar seus livros para serem copiados, às vezes as duplicatas eram devolvidas e os originais mantidos na biblioteca, abrigadas no Museu de Alexandria (Barbier, 2018; Ortega, 2004; Martins, 1996).

Foi na Biblioteca de Alexandria que, de acordo com Barbier (2018), nasceu a Biblioteconomia, apesar dela ser só ganhar força mesmo e ser oficializada no século XIX, segundo o autor:

A primeira operação feita pelos especialistas do Museu consiste em distinguir o texto abstrato de seu suporte material, e ela fundamenta todo o trabalho sobre gestão da informação. O impulso inicial é dado por Calímaco (c. 310-243), filósofo e poeta que veio de Cirene (atual Líbia) para Atenas, depois para Alexandria, onde ministra aulas no Museu e trabalha na biblioteca- sem nunca ter sido bibliotecário de profissão. Teria a partir dos anos 270, estabelecido as listas gerais da coleção e inaugurado assim a construção de metadados servindo para facilitar a utilização da biblioteca e para enriquecer seus conteúdos: os 120 *volumina* dos *Pinakes* constituem as "tabelas dos autores ilustres em todos os campos do conhecimento e de suas obras". A classificação é sistemática em grupos principais: retórica, direito, epopeia, tragédia, poesia lírica, história, medicina, ciências naturais, *varia* (Barbier, 2018, p. 47).

O Museu mencionado por Barbier (2018) pode ser considerado o berço da Biblioteca, pois era lá que os documentos eram guardados, ao longo dos anos as duas instituições foram ganhando independência uma da outra e posteriormente se tornaram lugares distintos, mas que ainda dividiam o mesmo espaço físico.

O trabalho dos bibliotecários nas bibliotecas da Antiguidade era muito voltado a copiar livros e a organizar e catalogar os materiais nelas mantidos, uma vez que esses espaços ainda não eram abertos ao público e por isso as atividades eram limitadas ao trabalho de organizar a informação ao invés de desenvolver tarefas que girassem em torno do público.

A expansão da cultura grega na virada do século I em Roma culminou na criação de uma cultura aristocrática, uma das características dessa camada social era

o desenvolvimento de uma biblioteca particular nas casas mais importantes. O acervo era constituído por uma boa quantidade de *volumina*, que podiam ser compradas ou adquiridas como espólios de guerra. Esse modelo de biblioteca era aberto aos amigos, familiares, discípulos e aos leitores interessados do dono da casa, mas não ao público comum, o espaço era elitizado, uma vez que era necessário conhecer pessoalmente ou o dono da casa ou um amigo dele para conseguir acessar esse espaço (Barbier, 2018).

Antes de tudo é importante repetir aqui que as definições de público e privado variam conforme a sociedade, o lugar e o tempo, cada momento histórico tem as suas características da ordem social, “[...] as bibliotecas “públicas” instaladas nas cidades não são certamente acessíveis a todos, mas a leitores selecionados e que dispõem de uma formação intelectual que justificará sua presença” (BARBIER, 2018, p. 58). O Imperador Júlio César idealizou o primeiro modelo de biblioteca pública, contudo, seu assassinato em 44 a.C. interrompeu seus planos. Mas nem tudo estava perdido, o cônsul Caio Asínio Polião (76-4 a.C.) abre em 39 a.C. a primeira biblioteca pública de Roma, o acervo foi obtido através do butim da guerra contra os ilirianos. Outras duas bibliotecas públicas foram abertas em 29 e 23 a.C. por Augusto e seus acervos também eram fruto de espólios de guerra (Barbier, 2018; Martins, 1996).

Quanto ao trabalho realizado nessas bibliotecas, haviam dois tipos de “usuários” mais frequentes: os administradores especializados, ou *procurator bibliothecae* (gestores que muitas vezes copiavam e serviam de secretários) e os gramáticos (formado por um grupo de eruditos que trabalhavam sobre os textos), quando a biblioteca dispunha de recursos financeiros bons, um catálogo (*index*) era feito para ela (Barbier, 2018). O trabalho nas bibliotecas romanas não era feito exclusivamente por um bibliotecário, mas sim por um grupo de intelectuais que tinham acesso ao espaço, a Biblioteconomia, apesar de já nascida ainda era muito nova, e a profissão de bibliotecário só surge oficialmente no século XIX, mesmo assim é possível observar como a necessidade de organizar a informação sempre existiu.

Partindo agora para a Europa Medieval, as camadas mais abastadas da população ainda eram quem controlava as bibliotecas, o clero as dominava tanto no Ocidente quanto no Oriente, a influência católica era tanta que, a partir do século XII, começaram a surgir bibliotecas ligadas a casas religiosas. Apenas os padres e os que frequentavam e moravam nas abadias podiam trabalhar nessas bibliotecas, os principais trabalhos realizados eram o de organização do acervo e o de copiar

manuscritos. Essas bibliotecas eram mais do que tudo depósitos de livros, o objetivo desses lugares era o de preservar o conhecimento, e não de disseminá-lo. Eram três os tipos de bibliotecas dessa época: as monásticas, ligadas a Igreja Católica; as universitárias, ligadas às universidades e as particulares, coleções de livros que pertenciam a pessoas da nobreza (Barbier, 2018; Martins, 1996; Ortega, 2004).

Tudo começou a mudar com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg em 1440, a produção independente do livro tirou da Igreja o monopólio da produção intelectual, o prelo foi um grande sucesso e se espalhou rapidamente pela Europa. O triunfo da criação de Gutenberg se deu por causa dos preços dos livros, uma vez que as obras tipografadas eram muito mais rápidas e baratas de serem produzidas (Ortega, 2004).

A Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia foram denominadas de as Três Irmãs pela professora doutora Johanna W. Smit em 1993, pois as bibliotecas, os museus e os arquivos foram por muito tempo considerados e acomodados na mesma instituição, eram espaços para guardar e mostrar curiosidades e conhecimentos diversos. A invenção do prelo mudou tudo isso, o barateamento dos livros tirou o monopólio da Igreja sob os livros, os monges copistas perderam sua tarefa para as oficinas de impressão, o que causou a primeira mudança nas atividades biblioteconômicas de organização e preservação dos documentos. O distanciamento não teve um impacto negativo, já que houve uma transformação na relação do *status* social dos bibliotecários e das bibliotecas no geral e foi o estopim para o desenvolvimento das bibliotecas públicas como são conhecidas atualmente (Ortega, 2004).

As bibliotecas públicas são um grande marco na história "é o que fez parte da concepção de mundo que passou a ser chamada modernidade [...]. De fato em função do surgimento da biblioteca pública, geral e aberta e do crescimento dos periódicos e de sua importância na divulgação científica, a Biblioteconomia trilhou novos caminhos [...]" (Ortega, p. 2, 2004).

4.1.3 A ERA MODERNA

É a partir da era moderna que os bibliotecários começam a desempenhar as funções sociais nas bibliotecas, no final do século XVI elas passam a funcionar a partir de 4 pilares, 1) laicização; 2) democratização; 3) especialização e 4) socialização. Dois

fatores contribuíram para a mudança de dogmas das bibliotecas, a primeira foi a perda de parte do poder do clero, com a evolução social e os poderes absolutistas sumindo aos poucos a Igreja não tinha como manter a influência que tinha na sociedade; o segundo fator, foi, como dito anteriormente, o barateamento dos livros, eles não são mais vistos com objetos sagrados que devem ficar trancados em uma torre, mas sim objetos de conhecimento que devem ser lidos e passar conhecimento a sociedade (Martins, 1996).

Martins (1996) acrescenta que o processo de laicização da sociedade não significa que ela se tornou uma sociedade democrática, a democracia é uma avanço da laicização, uma vez que a primeira garantiu direitos apenas a uma pequena parte da população. O processo de socialização foi a mudança mais impactante, o público diversificado das bibliotecas as transformaram em lugares sociais e acabou com seu *status* de depósito de livros ou armário de livros como sua etimologia original propunha.

4.1.4 MUDANÇA NO SIGNIFICADO DA PALAVRA BIBLIOTECONOMIA

O significado da palavra biblioteca foi sofrendo alterações para acompanhar essas mudanças de paradigma, abaixo estão os novos sentidos do termo.

[...] 1. Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, organizados para estudo, leitura e consulta; 2. Edifício ou recinto onde se instala essa coleção; 3. Estante ou outro móvel onde se guardam e/ ou ordenam livros; 4. Processamento de Dados. Coleção ordenada de modelos ou de rotinas ou sub- rotinas por meio da qual se podem resolver os problemas e suas partes (Fonseca, 1996, p. 48).

Aqui é possível perceber que a biblioteca vai além das estantes e dos livros, o aumento do espaço da biblioteca, herança da Renascença, implica que as pessoas que as visitam podem escolher quais obras consultar e saber o que está disponível e assim despertar um interesse que talvez elas imaginassem inexistente.

Além disso, a palavra biblioteca também é

[...] usada em sentido institucional, designando órgãos da administração pública (a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Pública Estadual, a Biblioteca Mário de Andrade etc.) ou privada (a biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, a Newberry Library de Chicago etc.) e como título de coleções bibliográficas (Biblioteca Pedagógica Brasileira, da Companhia Editora Nacional, Biblioteca Histórica Paulista, da editora Martins etc.), e mesmo de obras individuais (*La bibliothèque idéale*, de Charles Lannoye, *Pour une bibliothèque idéale*, de Raymond Queneau etc.) e coletivas (Biblioteca Internacional de Obras Celestes) (Fonseca, 1996, p.48-49).

É possível observar que a palavra foi sendo usada para designar novos ambientes conforme a sociedade e suas regras iam mudando. Para os padrões atuais, biblioteca pode ser definida como:

1. Coleção de material impresso ou manuscrito, ordenado e organizado com o propósito de estudo e pesquisa ou de leitura geral ou ambos. Muitas bibliotecas também incluem coleções de filmes, microfilmes, discos, vídeos e semelhantes que escapam à expressão 'material manuscrito ou impresso'.
2. "Coleção organizada de registros da informação, assim como os serviços e respectivo pessoal, que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, a fim de atender às necessidades de informação, pesquisa, educação e recreação de seus usuários. Neste contexto, a palavra biblioteca abrange os objetivos e funções de outros tipos de serviços de informação, que seriam qualificados como centros de documentação, serviços de informação, unidades de informação, entre outros" (icnb, p. vii).
3. Sala ou prédio onde são guardadas, ordenadamente, coleções de livros e outras espécies documentárias.
4. inf nome que designa: a) um conjunto de arquivos; b) um conjunto de programas, rotinas e sub programas, já testados, que podem ser utilizados no processamento (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 48-49).

As mudanças feitas nas bibliotecas durante a Renascença abriram um precedente para que a Biblioteconomia se desenvolvesse enquanto campo de estudo, as atividades "originais" como organização e recuperação da informação permanecem, mas agora a preocupação não é a de guardar o material, mas sim de democratizar o acesso ao conhecimento. O trabalho com foco no usuário é o que diferencia as bibliotecas da Antiguidade e Idade Média com as da Modernidade.

Podemos distinguir na história duas grandes fases: da Renascença até os meados do século XIX, o bibliotecário é um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais; a partir dos meados do século XIX, o Estado reconhece o bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável. Nesta segunda fase, se o sistema de confiar as grandes bibliotecas a escritores eruditos sem formação técnica ainda continua por um tempo, logo aparecerá, por força da própria especialização, a necessidade de fazer do bibliotecário um funcionário especificamente treinado para as suas funções (Martins, 1996, p. 332).

Saber balancear os conhecimentos técnicos da profissão com a gestão de pessoas exige técnica e treinamento, por isso tornou-se necessário criar escolas de Biblioteconomia. Estas escolas deveriam prover seus estudantes de conhecimentos das ordem prática e técnica, como catalogação, recuperação e organização da informação e de ordem social e cultural, como conhecimentos gerais e gestão de pessoas, a criação de escolas de Biblioteconomia só seria possível após mudanças estruturais na sociedade e na política.

4.1.5 A REVOLUÇÃO FRANCESA

O início do século XVII foi um momento extremamente importante e conturbado na história francesa, sendo a Revolução Francesa de 1789, o foco das mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais. Segundo Barbier (2018), Hubner; Modesto; Atti (2021); Martins (1996) e Russo (2010) a disseminação dos princípios do Iluminismo, dos pensadores Rousseau, Montesquieu e Voltaire, de igualdade, fraternidade e liberdade contribuíram para o desenvolvimento da Biblioteconomia. O aumento da politização da população, o criticismo ao Absolutismo e a valorização da Ciência fizeram com que a população procurasse mais conhecimento, o que desencadeou no aumento da escolarização e na transformação do livro de objeto de luxo a objeto social. As bibliotecas particulares sofreram um destino similar, os revolucionários franceses as confiscaram e transformaram em bibliotecas públicas, estima-se que antes da Revolução o número de bibliotecas municipais era de 10, mas em 1803, o número era de mais de duzentas.

Apesar de nascerem nos séculos XVII e XVIII, com a Biblioteca Nacional de Berlim e a Biblioteca Nacional Espanhola, as bibliotecas nacionais só tomam o formato que têm hoje a partir do século XIX. Foi nesse período que elas passaram a ser constituídas com o objetivo de conservar e disponibilizar todo material escrito que se referia à memória nacional. Dentre as bibliotecas nacionais constituídas no século XIX estão: Biblioteca Nacional do Reino Unido; a Biblioteca Real de Paris, cujo acervo cresceu muito na pós Revolução e que, anos depois, passou a ser chamada de Biblioteca Nacional da França; a Biblioteca do Congresso (*Library of Congress*) no Estados Unidos e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, criada para acomodar os livros trazidos pela família imperial portuguesa (Barbier, 2018; Russo, 2010; Martins 1996).

4.1.6 AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA

Para atender a demanda dessas novas bibliotecas surgem os primeiros cursos de Biblioteconomia, que foram lecionados na *École Nationale des Chartes*, na França, no dia 22 de fevereiro de 1821. A escola foi idealizada por Napoleão Bonaparte, um dos patronos da *l'Académie des inscriptions et belles lettres*, mas efetivada de fato pelo Rei Luís XVIII, os cursos tinham como objetivo formar curadores patrimoniais em bibliotecas. As aulas eram lecionadas por dois professores, Abbé de Lespine, um ex-

cônego da catedral de Périgueux que trabalhou por duas décadas na Biblioteca Real e M. Povillet chefe da seção histórica do Arquivo Real e ex-chefe de gabinete da ordem do Espírito Santo, as lições eram conduzidas nos lugares de origem de cada professor. A preocupação dos franceses em formar bibliotecários eruditos, com um vasto repertório cultural e científico, além de habilidades próprias, pode ser observada através das várias tentativas de manter vivo o curso de Biblioteconomia da *École des Chartes* através de reformas e incentivos financeiros (Hubner; Modesto; Atti, 2021). O objetivo do curso francês “sempre foi o de possibilitar que os futuros responsáveis pelas coleções estivessem familiarizados com os acervos pelos quais seriam responsáveis, oferecendo, dessa forma, uma abordagem histórica e crítica dos documentos reunidos nas coleções” (Hubner; Modesto e Atti, 2021, p. 9).

Sobre a formação dos bibliotecários da *École*, nos primórdios da escola eles eram treinados da mesma maneira que arquivistas- paleógrafos e arqueólogos, sendo um curso de nível universitário. Ele durava três anos e a aprovação dele dependia da aprovação nas provas e na defesa de uma tese, escrita no decorrer da formação. Segundo Martins (1996), valoriza-se tanto o ensino da cultura geral quanto dos conhecimentos específicos da área, a importância dada à cultura geral é o que diferencia as linhas francesas de ensino da Biblioteconomia da linha estadunidense.

Em 1887 Melvil Dewey cria o primeiro curso de Biblioteconomia nos Estados Unidos, na Universidade de Columbia (*Columbia University*), além do curso, Dewey também foi responsável pelo primeiro periódico científico da área, o *Library Journal*, o primeiro sistema de classificação, a CDD- Código de Classificação Decimal de Dewey e padronizou as fichas catalográficas de 7,5 por 12,5 cm. Melvin fundou a *School of Library Economy* com base na Biblioteconomia alemã do início do século XIX, o país era considerado o berço da Biblioteconomia moderna (Ortega, 2004; Santos; Rodrigues, 2013).

Se a escola francesa priorizava os conhecimentos culturais, a linha americana valorizava mais a questão técnica da Biblioteconomia, nenhuma está mais correta do que a outra, segundo Martins

Se o bibliotecário meramente erudito ou artista, mas ignorante das técnicas biblioteconômicas, já não se pode mais admitir nas bibliotecas modernas, o bibliotecário exclusivamente preso aos números de sua tabela de Dewey é também inferior ao que a biblioteca representa como cultura e as próprias funções que deve desempenhar (Martins, p. 338, 1996)

Ou seja, o bibliotecário ideal seria aquele que possui tanto conhecimentos

culturais quanto técnicos. A união dessas duas habilidades é de extrema importância para o dia a dia da profissão em todas as funções bibliotecárias. Um exemplo é a catalogação, essa atividade exige tanto os conhecimentos técnicos da AACR2 quanto o conhecimento dos impactos e importância culturais da obra sendo registrada.

4.1.7 OS PRINCIPAIS NOMES DA BIBLIOTECONOMIA

Com os cursos de Biblioteconomia se espalhando e os estudos na área avançando pelo mundo a definição do termo passou por uma nova mudança, o alemão Martin Schrettinger em seu livro *Bibliothek- Wissenschaft*, disse que Biblioteconomia podia ser definida na época como “resumo de todas as diretrizes teóricas necessárias para a organização intencional de uma biblioteca, indicando que o foco da Biblioteconomia é assegurar o acesso rápido e certo aos documentos da biblioteca” (Sousa e Rodrigues, 2013, p. 119). Todavia, o termo Biblioteconomia foi usado pela primeira vez apenas em 1839 pelo livreiro e bibliófilo francês Léopold- Auguste- Constantin Hesse em seu livro “*Bibliothéconomie: instructions sur l’arrangement, la conservation et l’administration des bibliothèques*”, ou em português “Biblioteconomia: sobre a disposição, conservação e administração das bibliotecas” (Ortega, 2004).

Outros nomes importantes para a história da Biblioteconomia, segundo Sousa e Rodrigues (2013) são:

Konrad Gesser (1516-1565), um bibliófilo e botânico responsável por criar a primeira tentativa de um esquema de classificação bibliográfica num meio impresso através do *Bibliotheca Universalis* (1545), obra que possui um suplemento que organizou os livros por assunto, o *Pandectaruim sive partitionum universalis* (Sousa; Rodrigues, 2013).

Francis Bacon (1561- 1626) também contribuiu para a catalogação com os livros *Chart of Learning* (1905) e *Advancement of Learning*, que classificava as ciências em três grupos: 1) poesia ou ciência da imaginação; 2) história ou ciência da memória e 3) filosofia ou ciência da razão. A última obra foi provavelmente uma das mais influentes para a catalogação ao longo dos séculos, pois foi usada de base para a Enciclopédia de D’Alembert e a classificação criada por Thomas Jefferson, usada no início da *Library of Congress*. O sistema baseado em Bacon foi aplicado mais uma vez por Brunet em 1810, modificado por Harris em 1870 e por fim elegido por Dewey para ser a base da CDD em 1876. Em 1904, Paul Otlet e Henri La Fontaine criaram a

Classificação Decimal Universal, sistema usado mundialmente, com base na classificação de Dewey (Sousa; Rodrigues, 2013).

Gabriel Naudé (1600- 1653) foi influenciado pelos pensadores Montaigne e Pierre Charron durante a Revolução Francesa, sendo responsável por conceituar uma biblioteca pública e universal. Além disso Naudé também contribuiu para a catalogação, com um novo sistema de classificação, a *Bibliotheca Cordesiane Catalogus* (1643) dividia os saberes em 12 categorias: Arte Militar, Bibliografia, Cronologia, Direito, Filosofia, Geografia, História, Jurisprudência, Literatura, Medicina, Política e Teologia. Por fim, em seu primeiro livro *Advis pour dresser une bibliothèque*, lançado em 1627, descreve as primeiras bases conceituais da Biblioteconomia, cria discussões sobre conceitos usados até hoje, como a ideia de ordem bibliográfica, além de discorrer por um capítulo inteiro sobre como a biblioteca deve ser usada pelo público e que deve servir como a comunicação entre os homens (Fonseca, 1996; Russo, 2010; Sousa; Rodrigues, 2013).

Jacques- Charles Brunet (1780-1867), também já mencionado neste trabalho, lançou em 1810 o *Manuel du Libraire et de l'Amateur des Livres*, no qual apresentou a *Table méthodique*. Outras classes que formavam o livro eram: Teologia, Jurisprudência, História, Filosofia e Literatura. A Tabela foi usada por toda Europa nas coleções particulares, nas listas de livreiros e arranjos bibliográficos (Sousa; Rodrigues, 2013).

Anthony Panizzi (1797- 1879), em um trabalho em grupo publicou em 1839, 91 regras de catalogação, chamadas de *Rules for the Compilation of the Catalog: Catalogue of Printed Books in British Museum*, ou em português, *Compilado de Catalogação: Catálogo de Livros Impressos no Museu Britânico*. Uma das regras mais importantes apresentadas na obra é usada até hoje, a importância da folha de rosto. Inspirado pelo trabalho de Panizzi, Charles C. Jewett (1816- 1868) em 1853, publicou outras 33 regras, que destacavam obras de autores anônimos e a autoria coletiva (Sousa; Rodrigues, 2013).

Charles Ammi Cutter (1837- 1903) foi responsável pela Tabela de Cutter, uma tabela de notação de autores usada até hoje por bibliotecas do mundo inteiro. Sua obra *Rules for a Printed Dictionary Catalog* (Regras para um Catálogo Dicionário Impresso) possuía 369 regras, que foram necessariamente criticadas (SOUSA; RODRIGUES, 2013).

Melvil Dewey (1851- 1931), criador do CDD, aqui já referenciado, é considerado

o “pai da Biblioteconomia moderna” por conta de suas contribuições para a área. A CDD foi baseada nos trabalhos de Francis Bacon e tinha como objetivo dividir o conhecimento usando três características principais: razão, imaginação e memória. Além de criar a primeira faculdade de Biblioteconomia nos Estados Unidos, Dewey também foi responsável pela *American Library Association* (ALA) no ano de 1887 (Sousa; Rodrigues, 2013).

Observa-se que as principais preocupações dos bibliotecários eram a catalogação e organização sistemática, com exceção de Naudé, até o século XIX a Biblioteconomia não se preocupava muito com os usuários ou com a função social das bibliotecas, aspecto que mudou com Ranganathan no século XX (Sousa; Rodrigues, 2013).

O trabalho mais importante do indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) foram as Cinco leis da Biblioteconomia, que estabeleciam as bibliotecas como lugares sociais e ambientes que devem acompanhar as mudanças sociais e interesses dos usuários. As leis eram: 1) Os livros são para serem usados; 2) Para cada leitor, seu livro; 3) Cada livro para seu leitor; 4) Poupe o tempo do leitor, com o corolário: poupe o tempo dos profissionais; 5) A biblioteca é um organismo em crescimento. Aliado à ideia de uma biblioteca amigável para o leitor, Ranganathan criou o primeiro esquema de classificação facetado, baseado nas Cinco Categorias Fundamentais (PMEST). O sistema possui grande aplicabilidade no que se diz respeito à organização do conhecimento e sistematização e recuperação da informação (Sousa; Rodrigues, 2013).

O que torna Ranganathan um dos bibliotecários mais importantes para a Biblioteconomia moderna é sua visão da Biblioteconomia como um todo. A organização e a recuperação da informação são importantes não só para que os bibliotecários possam encontrar os livros, mas também para que os usuários possam aproveitar tudo que a biblioteca tem a oferecer. As cinco leis são simples, mas filosóficas o suficiente para que uma certa flexibilidade seja possível, a ideia é que cada biblioteca as use de acordo com suas necessidades (Sousa; Rodrigues, 2013).

Para Fonseca (2007), a Biblioteconomia tem como objetivo a: “formação, informação e recreação através de todos os tipos de documentos” (p. 11). Vale ressaltar que as definições mais recentes do campo incluem o entretenimento transformando a biblioteca em um espaço cultural e não puramente informacional. Além disso, os acervos das bibliotecas não são mais compostos apenas por livros,

agora elas têm CDs, DVDs, revistas em quadrinhos entre outros tipos de materiais, seguindo a quinta lei da Biblioteconomia.

Os diferentes tipos de bibliotecas são frutos das diferentes necessidades dos diferentes grupos existentes na sociedade, durante a Idade Média, por exemplo, a Igreja Católica tinha dois tipos de bibliotecas a servindo, as monásticas e as universitárias. Atualmente temos bibliotecas que são separadas por faixa etária e/ou tipo de usuário, são elas: bibliotecas infantis; bibliotecas escolares; bibliotecas universitárias; bibliotecas especializadas; bibliotecas nacionais e bibliotecas públicas (Fonseca, 2007). Cada uma dessas bibliotecas têm suas prioridades, especialidades e objetivos, por isso precisam de profissionais que possam se adaptar a qualquer ambiente, além de uma formação ampla, tanto nas questões sociais e culturais, quanto técnicas e administrativas.

4.1.8 A PROFISSÃO

José Ortega y Gasset também formulou uma missão para os bibliotecários a de “filtrar o que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (Fonseca, 2007, p. 93). Numa era que produz mais ciência do que nunca, ter um intermediário entre as informações e as pessoas é uma necessidade. A quantidade de informações disponíveis atualmente na Internet é imensa, mas nem tudo o que está lá é confiável, diante disso o bibliotecário se vê diante de mais um desafio, o de saber pesquisar e filtrar as informações pertinentes e verdadeiras. Essa tarefa não precisa se limitar a bibliotecas universitárias, mas deve se tornar prática comum tentar ensinar a toda população meios de verificar o que é verdade e o que é mentira, afinal de contas, a comunicação também faz parte das atividades da profissão.

Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, bibliotecário é o

1. Profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas.
2. Profissional que: a) desempenha funções técnicas ou administrativas em bibliotecas; b) lida com documentos de todos os tipos (p.ex.: livros, periódicos, relatórios, materiais não-impressos) com base na especificação de seu conteúdo temático e a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até cientistas e pesquisadores.
3. No Brasil, a designação de bibliotecário é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia nos termos da lei nº 4.084, de 30/6/1962. Para o exercício profissional é necessário que o bibliotecário esteja registrado no conselho de Biblioteconomia da região onde trabalha. Essa lei foi regulamentada pelo decreto-lei nº 56725, de 16/8/1965. Em 26/6/1998, a lei nº 9.674 introduziu alterações na lei anterior.
4. Com o advento da internet e com o enorme progresso das bibliotecas digitais, apareceu na literatura em língua inglesa o termo *cybrarian* (bibliotecário cibernético <=>), para indicar aquele que trabalha com essas novas tecnologias (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 53).

O dicionário ainda lista os tipos de bibliotecário existentes, separados por tipo de serviço e ambiente de trabalho. Dos mais de 20 tipos definidos por Cunha e Cavalcanti os que se destacam são: acadêmico, catalogador, cibernético, classificador, de área médica, de biblioteca médica, de biblioteca ambulante, de biblioteca infantil, de serviços ao usuário, de hemeroteca, de meios audiovisuais, de mapoteca e de obras raras. A grande variedade dos tipos de bibliotecários serve para mostrar como este profissional é versátil em seu fazer, além de provar como ele consegue acompanhar as novas tendências e tecnologias.

Com o desenvolvimento e oficialização da prática profissional ao redor do mundo, agora é possível identificar com mais clareza e precisão quais as atividades devem ser responsabilidade do bibliotecário. A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é órgão do governo federal brasileiro encarregado de descrever e classificar as profissões existentes em território nacional (CBO, 2023). A profissão de bibliotecário foi descrita pela CBO da seguinte maneira:

“Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria (CBO, 2023)

Em suma, o bibliotecário é o profissional que cuida da informação e seus suportes e ajuda a disponibilizá-la a sociedade, ele tem responsabilidade tanto com a ciência quanto com a sociedade. Para que isso seja possível é necessário que a categoria profissional sempre se mantenha atualizada, tanto nas tendências nacionais quanto nas internacionais.

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (*International Federation of Library Association- IFLA*) é a organização internacional responsável por representar os interesses da profissão, trabalhando para melhorar os serviços mundialmente. Essa organização não governamental independente e sem fins lucrativos conta com mais de 1500 associados em cerca de 150 países (IFLA, 2023). Em 2013 a IFLA lança o seu primeiro Relatório de Tendências, a partir desse documento, em 2019 Marta Lígia Pomim Valentim apresenta as cinco tendências analisadas pela IFLA e lançadas nas atualizações dos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019.

O primeiro relatório intitulado *Deslizando sobre as ondas ou apanhados pela*

maré? Navegando no ambiente da informação em evolução, originalmente *Riding the waves or caught in the tide? Navigating the evolving information environment*, apontou como a Internet seria um instrumento tanto de expansão quanto de limitação. Expansivo porque reúne informações do mundo todo numa única rede e limitante porque o número de pessoas que tinha acesso ou que sabiam usar a Internet era, e continua com limitações (Valentim, 2019).

Os impactos de uma sociedade globalizada são sentidos em todas as categorias da sociedade, por esse motivo, em 2016, a IFLA decide separar as tendências nos seguintes níveis: individual (como os bibliotecários devem se portar diante das constantes mudanças); organizacional (como as mudanças devem ser incorporadas nos ambientes de trabalho); nacional (identificar e analisar como as políticas locais limitam o trabalho da biblioteca) e global (articular uma perspectiva global de biblioteca e estabelecer uma visão única para elas) (VALENTIM, 2019).

É possível perceber uma preocupação por parte da IFLA com quem não poderá ter acesso à informação, afinal de contas a falta de informação, ou a disseminação das informações falsas só aumentam as desigualdades sociais, além de poderem causar risco às vidas das pessoas, como foi percebido durante a pandemia de COVID-19. A propagação de notícias falsas a respeito das doenças e posteriormente das vacinas causaram a morte de milhares de pessoas no mundo todo, ensinar a população a checar as notícias vindas de canais de comunicação não confiáveis foi de extrema importância para o combate da doença. É importante ressaltar que a preocupação com as notícias falsas não vem de 2020, elas são uma preocupação desde que a Internet se popularizou.

Sobre o papel dos bibliotecários dentro das questões dos conteúdos digitais, Valentim (2019) comenta que “A curadoria e a preservação digital também devem ser sua responsabilidade, uma vez que a sociedade precisa ter acesso ao conhecimento gerado [...]” (p. 54). Contudo, de nada adianta se os bibliotecários da atualidade não se mantiveram atualizados sobre os mecanismos das redes sociais e as novas tecnologias de comunicação.

Sobre o assunto Valentim (2019) comenta que:

É importante que as atividades voltadas à representação descritiva e temática sejam adequadas à nova realidade, ou seja, a atenção do bibliotecário deve estar voltada para as novas gerações [...] Os bibliotecários devem conhecer as opções de tecnologias, de produtos e de soluções que existem no mercado, estabelecer critérios consistentes de avaliação e possuir competências específicas para acompanhar sua implantação e atualização

constantes (p.58-59).

Ensinar a identificar as notícias falsas das verdadeiras é uma nova habilidade que pode ser feita por bibliotecários, a integração das atividades da biblioteca com as da sala de aula por meio da elaboração de materiais didáticos e promover repositórios de acesso aberto são essenciais para que as futuras gerações desenvolvem habilidades de pesquisa própria (Valentim, 2019).

Outra responsabilidade dos bibliotecários atuais é debater as questões que giram em torno das leis de *copyright* de dados científicos, se por um lado os cientistas devem ser recompensados justamente por seu trabalho, por outro, seus trabalhos são de interesse público e não devem ficar escondidos atrás de um *paywall* (Valentim, 2019).

O bibliotecário é, portanto, um profissional que acompanhou, e continua acompanhando, as mudanças da sociedade, das concepções do que é uma biblioteca e qual a sua função em uma sociedade que está em constante mudança sempre com o objetivo de servir a sociedade da melhor maneira possível. Em suma, o bibliotecário moderno precisa realizar tanto as tarefas em ambientes digitais e desenvolver suas funções sociais e educacionais, além de realizar suas atividades tradicionais.

4.2 A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Segundo Fonseca (1996), a Bahia pode ser considerada o berço da Biblioteconomia brasileira pois foi lá que as primeiras bibliotecas brasileiras surgiram e conseqüentemente a Biblioteconomia brasileira. Com a chegada da Companhia de Jesus ao Brasil em 1549 houve a necessidade de construir colégios e mosteiros para que os jesuítas pudessem estudar, que seguiam o padrão europeu com o qual eles estavam acostumados. A primeira biblioteca do Brasil surgiu nessa época, ela era de caráter privado e foi organizada pelos jesuítas, com o passar do tempo ela se tornou pública.

Em 1582, a primeira biblioteca monástica é aberta em um mosteiro beneditino, dentre os vários missionários que trabalharam nessas bibliotecas destaca-se o francês Antônio da Costa (1647-1722), que possuía conhecimentos nas áreas da produção do livro, como impressão, encadernação e é claro, na área da Biblioteconomia. Enquanto bibliotecário foi diretor da biblioteca do Colégio da Bahia, cujo catálogo organizou.

Catálogo este que se tornou o primeiro instrumento biblioteconômico feito no Brasil. Infelizmente restaram apenas registros da Companhia de Jesus sobre o documento e o que se sabe sobre ele é que ele fora um catálogo sistemático com índices temático e onomástico (Fonseca, 1996).

Foi na Bahia também onde foi impresso o segundo texto biblioteconômico, o *Plano para o estabelecimento de huma bibliotheca publica*, escrito por Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco. Ele se inspirou nos modelos estadunidense e europeu de biblioteca para escrever seu manual, uma vez que havia passado um tempo na Europa em 1807 (Fonseca, 1996).

O número de bibliotecas em território nacional foi aumentando conforme outras ordens religiosas chegavam ao território que hoje é conhecido por Brasil, uma vez que os livros eram essenciais a elas. Mas, essas bibliotecas tinham um público muito específico, os missionários, foi apenas em 1811 que surge a Biblioteca Pública da Bahia, precedendo em três anos a abertura ao público da Biblioteca Real, criada em 1810 (Fonseca, 1996).

A biblioteca da Bahia foi montada nos preceitos das bibliotecas públicas de subscrição que apareceram no século XVIII na Europa e nos Estados Unidos. Fato que pode ser provado pela visita do francês Louis- François de Tollenare em 1817, que disse que a biblioteca era “um estabelecimento muito notável” (Fonseca, 1996).

Durante o decorrer do século XIX várias bibliotecas estaduais foram surgindo no Brasil, a de Sergipe veio em 1851, Pernambuco em 1852, Espírito Santo em 1855, Paraná em 1857, Paraíba em 1858, Alagoas em 1865, Ceará em 1867 e Amazonas e Rio Grande do Sul em 1871 (Fonseca, 1996). Conforme o Brasil ia deixando de lado o status de colônia, e se desenvolvia enquanto país e nação, o número de bibliotecas ia aumentando, contudo, foi apenas em 1911 que surgiu o primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, tendo ele iniciado de fato em abril de 1915.

O decreto 8.835, de 11 de julho de 1911 estabeleceu a criação do primeiro curso de Biblioteconomia brasileiro na Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro, o diretor da época, Manuel Cícero Peregrino da Silva foi o responsável pelo feito (Russo, 1966). É impossível ignorar o fato de que o primeiro curso de Biblioteconomia brasileiro foi criado três séculos depois da primeira biblioteca surgir no país, e quase um século depois da independência do país. Ou seja, mesmo que houvesse bibliotecas em território nacional, profissionais bibliotecários formados no Brasil eram inexistentes.

O que resultou na “importação” de professores para ministrar cursos criados posteriormente, como foi o caso da Mackenzie College, atualmente Universidade. A bibliotecária americana Mrs. Dorothy Muriel Geddes Gropp, veio orientar o curso elementar de Biblioteconomia da instituição em 1929. Em 23 de janeiro de 1930 foi anunciado um curso auspício do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, dirigido pelo Dr. Eurico Doria de Araujo Goes, que também foi o primeiro diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo (Russo, 1996).

Foi apenas em 1936 que a Biblioteconomia ganhou tração no país, no Estado de São Paulo, pois foi nesse ano que Rubens Borba de Moraes, um dos nomes mais importantes da Biblioteconomia brasileira, criou o Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo (Castro, 2000).

[...] Moraes, desde muito cedo foi um leitor ávido e frequentador assíduo de bibliotecas, principalmente em Genebra, onde passou a maior parte de sua vida, graduando-se em Letras. Ao retornar em 1919, para São Paulo, deparou-se com dois problemas primeiro com duas bibliotecas, a Estadual e a Municipal, que não atendiam a qualquer requisito de funcionamento: acervo desatualizado, desorganizado e precárias condições físicas. Em segundo lugar, por não haver no Brasil Faculdade de Letras, ele não pode revalidar ou equiparar o diploma obtido na Europa. Impossibilitado de exercer sua função, interessou-se pela Biblioteconomia [...] (Castro, 2000, p. 69).

O prefeito da época, Dr. Fábio da Silva Prado convidou Adelpha Silva Rodrigues de Figueiredo para ministrar o curso junto com e Rubens. Russo (1996) comenta que essa dupla foi responsável pela concretização de uma Biblioteconomia nova, além de formar o primeiro grupo de técnicos de São Paulo. O lugar usado como sala de aula, foi a Biblioteca Municipal, a atual Biblioteca Mário de Andrade. Infelizmente, em 1939, o subsídio dado pela Prefeitura foi cancelado pelo Prefeito Francisco Prestes Maia, que, segundo Castro (2000), o então prefeito simplesmente não conseguia entender a utilidade nem a viabilidade do curso.

Contudo, nem tudo estava perdido, a Escola de Sociologia e Política de São Paulo ajudou a reinstalar o curso em suas dependências. O ensino de Biblioteconomia não ficou restrito apenas aos cidadãos paulistanos, ou aqueles que podiam ir a São Paulo, graças a Rockefeller Foundation, que ofereceu uma doação de US\$27,500 (vinte sete mil e quinhentos dólares) para que a Escola pudesse expandir suas atividades. Parte do dinheiro foi usado para custear bolsas de estudos para 7 pessoas de outros estados (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul) e dois paulistanos entre os anos de 1943 e 1948 (Castro 2000; Russo, 1996).

Alguns desses alunos, ao voltarem a seu lugar de origem acabaram fundando

escolas de Biblioteconomia, que hoje são parte de universidades, difundindo assim o ensino da Biblioteconomia pelo país: Bernadette Sinay Neves na Bahia, Etelvina Lima em Minas Gerais, Angela da Costa Franco no Rio Grande do Sul e Milton Ferreira de Melo em Pernambuco (Castro 2000; Russo, 1996).

Uma mudança significativa no campo da Biblioteconomia brasileira foi a incorporação da Documentação na área, a partir da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação- IBBD em 1954, o que transformou a profissão, agora o bibliotecário é um profissional que possui conhecimentos especializados. É importante saber que por muitos anos o ensino de Biblioteconomia era voltado para a catalogação, classificação, história do livro e das bibliotecas, administração e organização das bibliotecas e cultura no geral, como artes e filosofia. É possível perceber que conforme o tempo foi passando a Biblioteconomia foi ganhando novas dimensões e possibilidades, se antes o profissional focava nas organizações de bibliotecas e nas artes, com a introdução da Documentação, ele passou a ser um profissional que está a serviço da ciência, um *SERVO SERVORUM SCIENTAE* (Castro, 2000).

A expansão do número de escolas/ cursos de Biblioteconomia que se processara a partir da Biblioteca Nacional, acentuando-se nas décadas de 50 e 60, possibilitou o crescimento do número de profissionais fora do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Desde então, as reivindicações da categoria deixaram de ser localizadas e ganharam "conotação nacional". Estas reivindicações, que se concentravam no reconhecimento profissional, na melhoria qualitativa e quantitativa das bibliotecas e na formação dos bibliotecários, eram agora menos humanistas e mais especializadas. Consequentemente, os discursos nestas décadas privilegiam as bibliotecas especializadas, enquanto que as públicas e escolares aparecem de modo bastante lacunar (Castro, 2000, p.115).

Após a integração da Documentação na Biblioteconomia brasileira surge a necessidade do profissional bibliotecário se atualizar, visto que isso aconteceu conforme a ciência e a tecnologia avançaram rapidamente, as novas dinâmicas científicas, sociais e tecnológicas incentivaram a modernização da profissão e a maior presença deles nas questões científicas. O bibliotecário não pode mais ser apenas um organizador de livros, mas sim de conhecimentos, agora, ele deve se tornar um profissional especializado nos assuntos com os quais ele irá trabalhar, e foi assim que nasceu o bibliotecário moderno (Castro, 2000).

Sambaquy (*apud* Castro 2000), apresenta uma distinção entre o que ela chama de bibliotecário conservador e este bibliotecário moderno. Enquanto o primeiro se apresenta como um guardião dos saberes e um erudito numa época em que a

escolarização no Brasil era extremamente baixo, o segundo era um especialista que olhava para as questões mais técnicas da organização dos materiais bibliográficos e o seu uso, ele se ocupa com a tarefa de orientar e auxiliar pesquisadores e leitores de modo imparcial, sempre seguindo as novas técnicas documentárias.

Ainda segundo Sambaquy (*apud*, Castro, 2000)

Pouco a pouco vem surgindo o bibliotecário para as bibliotecas médicas, versado em literatura médica e nos recursos para a pesquisa bibliográfica médica; o bibliotecário que se dedica às Ciências Naturais e que aprende a conhecer todas as exigências próprias das bibliotecas de museus de História Natural bem como as características da pesquisa bibliográfica nesse setor de conhecimentos; o bibliotecário que prefere estudar tudo sobre Artes Plásticas a fim de ser capaz de identificar todos os processos de gravatura e de classificar as obras de arte pelas diferentes escolas, etc; o bibliotecário que se dedica, exclusivamente, à Música e que sabe determinar a origem das mais singela melodias; o bibliotecário que prefere penetrar no tempo e no espaço, trazendo à atenção dos historiadores os documentos bibliográficos do passado para servirem aos conhecimentos atuais e futuros; outros há que se deixam seduzir pela Ciência e pela Tecnologia e estão desenvolvendo sistemas perfeitos de informação sobre os conhecimentos recém- adquiridos os laboratórios de pesquisa dos centros de investigação científica e tecnologia das universidades e das empresas industriais (Sambaquy, *apud* Castro, 2000, p. 123)

A tendência observada por Sambaquy nos anos 50 dizia respeito aos bibliotecários de bibliotecas universitárias, conforme a ciência ia se desenvolvendo no país e mais universidades iam abrindo, o número de bibliotecários especializados também cresceu. Ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, onde o curso de Biblioteconomia é oferecido como o Mestrado em algumas instituições e por isso, os bibliotecários de lá já dominam um assunto em específico, aqui no Brasil primeiro o bibliotecário começa a trabalhar e depois ele se especializa em um tópico.

É neste contexto de bibliotecários especializados que surgem os bibliotecários clínicos e médicos, nos Estados Unidos a categoria profissional existe desde 1939 e a Medical Library Association (MLA) aderiu um programa de treinamento disponibilizado pela *Columbia University School of Library Science* em Nova Iorque em 1947 (Cimpl, 1985).

A MLA foi fundada em 1898 por 4 bibliotecários e 4 médicos no escritório do *Philadelphia Medical Journal*, com o nome Association of Medical Librarians. O nome muda para o atual em 1907, e quatro anos depois lança sua própria revista científica, o "*Bulletin of the Medical Library Association*". Durante a Primeira Guerra Mundial a MLA disponibilizou recursos para oficiais e bases militares, pararam de fornecer edições complementares para racionar papel e depois da guerra compraram

periódicos não disponíveis durante a guerra. O ano de 1929 foi de muitas mudanças na MLA, os membros são reclassificados como membros da biblioteca, membros de apoio, e membros profissionais, as bibliotecas odontológicas, veterinárias, biológicas e relacionadas são adicionadas a associação, além disso um Comitê de Indicação é estabelecido. A MLA oferece novamente sua ajuda durante a Segunda Guerra Mundial, os bibliotecários de cidades grandes esconderam livros raros em lugares seguros, além de enviarem edições duplicadas para as bibliotecas européias (MLA, 2023).

Durante os anos 50 a MLA começa o periódico *Vital Notes of Medical Periodicals*. Seis anos depois, a *Armed Forces Medical Library* se torna a *National Medical Library* por conta de um decreto assinado pelos senadores Lister Hill e John F. Kennedy e durante os anos 70 as bases de dados MEDLINE e Toxline são lançadas, além de um index médico, o *Index Medicus* (MLA, 2023)

Em 1988 três organizações; a *American Association for Medical Systems and Informatics* (AAMSI), o *Symposium on Computer Application in Medical Care* (SCAMC) *American College of Medical Informatics* (ACMI) se uniram para formar a *American Medical Informatics Association* (AMIA), uma associação sem fins lucrativos formada por pessoas, instituições e corporações devotas ao desenvolvimento e uso de tecnologias da informação para aprimorar os campos da saúde. Atualmente ela conta com mais de 5.600 membros de várias áreas profissionais, médicos, dentistas, farmacêuticos, enfermeiros, pesquisadores, educadores, cientista, bibliotecários das ciências da saúde e biomedicina, estudantes procurando carreiras na área da informática, programadores, pesquisadores de inteligência artificial, funcionários do governo e dirigentes e por fim consultores industriais (AMIA, 2023).

O Brasil, contudo, não possui nenhum tipo de organização oficial do tipo, o que existe é uma profissão regulamentada e fiscalizada pelos Conselho Regionais e Federais de Biblioteconomia. O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) foi instituído junto com os Conselhos Regionais (CRB) através da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, e pelo Decreto nº 52.725, de 16 de agosto de 1965 (CFB, 2023). Ou seja, enquanto nos Estados Unidos se estabeleceu uma nova categoria para os bibliotecários, no Brasil os conselhos que regulamentam a profissão ainda estavam sendo planejados.

Os bibliotecários médicos, os bibliotecários clínicos ou informacionistas clínicos, são um tipo de adaptação da profissão, partindo dos bibliotecários

especialistas e que se estabeleceram ao longo dos anos em hospitais, centros de saúde e bibliotecas universitárias nas áreas da saúde, atendendo profissionais da saúde, estudantes, pesquisadores e professores.

Esses novos tipos de profissionais da informação se tornam mais necessários no Brasil depois da reforma sanitária e subsequente criação do Sistema Único de Saúde (SUS) no final dos anos 80. O papel do bibliotecário incluído no sistema de saúde era o de, é claro, trabalhar nas bibliotecas médicas e universitárias, além de incorporar as equipes de saúde enquanto bibliotecário clínico (Beraquet *et al*, 2007).

O Centro Latino- Americano e do Caribe de Informação e Ciências da Saúde (BIREME), é um centro especializado da Organização Pan- Americana da Saúde/ Organização Mundial da Saúde (OPAS/ OMS) e foi fundado em 1967 com o nome de Biblioteca Regional de Medicina. Durante esse período oferecia formação de recursos humanos em gestão e operação de bibliotecas e centros de documentação além de pesquisas bibliográficas na base MEDLINE. Durante os anos 60 e 80 a BIREME tem como missão expandir a cobertura temática do domínio do campo da saúde na América Latina e Caribe. No final da década de 70, a BIREME lança o Index Medicus Latino- Americano (IMLA) que indexava cerca de 150 revistas, esse index evoluiu e se tornou a base de dados bibliográfica chamada Literatura Latino- Americana e do Caribe de Informação em Ciência da Saúde (LILACS). Em 1982 a então Biblioteca Regional de Medicina recebe seu nome atual, mas mantém a sigla original (BIREME, 2023).

Segundo Beraquet *et al* (2007) a existência dessas bibliotecas e bases de dados especializadas afirma e reafirmam como um bibliotecário especializado na área da saúde é um membro necessário dentro das equipes em centros de saúde e hospitais.

A próxima seção irá explorar um pouco da história da Biblioteconomia Clínica e como os bibliotecários da área da saúde são conhecidos e exercem suas funções no Brasil, incluindo seu papel durante a Pandemia de COVID- 19, com estudos de caso e estudos teóricos.

5. BIBLIOTECÁRIOS NA ÁREA DA SAÚDE

Nos anos 1970 os bibliotecários do campo saúde nos Estados Unidos começaram a buscar novos meios de atender médicos após perceberam que eles não usavam os serviços das bibliotecas para saciar suas dúvidas, eram dois os motivos principais para justificar a ausência de médicos em bibliotecas, o primeiro era uma questão de horário, a grande maioria dos médicos só tinham tempo de visitar as bibliotecas nos horários que elas estavam fechadas (10:00 P.M e 8:00 A.M.). O segundo motivo era também relacionado ao tempo, mas dessa vez o tempo disponível para pesquisa, as visitas à biblioteca podiam ser longas e muitas vezes os resultados encontrados não eram pertinentes, perguntar a um colega era muito mais prático, além disso, muitos profissionais da saúde não possuíam as habilidades necessárias para fazer uma pesquisa rápida e eficiente (Cimpl, 1985). É importante ressaltar que durante os anos 1970, a Internet e os computadores, apesar de existirem ainda não tinham se disseminado e não possuíam a quantidade de informações que tem nos dias atuais, por isso as pesquisas dependiam de um acervo físico.

Os novos regimes de internamento passaram a contar com equipes interdisciplinares, dentre os novos profissionais estavam farmacêuticos, assistentes sociais, nutricionistas, enfermeiros, psicólogos e, é claro, bibliotecários (Cimpl, 1985). Ainda segundo a autora, com a nova posição veio a necessidade de especialização, por isso, Gertrude Lamb conceituou o *clinical medical librarian* (CML) ou simplesmente *clinical librarian*, termo que é melhor traduzido aqui para bibliotecário clínico.

Em 1971, Gertrude obteve o consentimento da Biblioteca Nacional de Medicina (National Library of Medicine- NLM) para ser a precursora da Biblioteconomia Médica na Universidade de Missouri (University of Missouri- Kansas City- UMKC), tendo começado seu trabalho lá em maio do ano seguinte. Em 1973, Lamb se tornou diretora da Biblioteca de Ciências da Saúde (*Health Sciences Library*) no Hospital de Hartford, em Connecticut. O trabalho de Lamb chamou a atenção do Serviço Público de Saúde dos Estados Unidos, pois o mesmo autorizou que dois CMLs acompanhassem médicos durante suas rotações nos hospitais do centro de saúde da Universidade de Connecticut. Outros programas de CML surgiram nos Estados Unidos, inspirados pelo relato que Lamb deu numa reunião anual da NLM em 1972 (Cimpl, 1985).

Nos anos 70 o propósito dos CML era o de:

providenciar informação de modo rápido para médicos e outros membros da equipe de saúde; incentivar os comportamentos da busca de informação e

aprimorar suas habilidades na biblioteca; e estabelecer o bibliotecário médico como membro válido da equipe médica. Além disso, havia a necessidade de informações que fossem voltadas ao público ao invés de informações voltadas para os temas (Cimpl, 1985, p. 23, tradução pessoal).

A disseminação de bibliotecários clínicos foi um sucesso na época, os serviços oferecidos eram os mesmos, mas as atividades realizadas variavam de acordo com o hospital e a universidade. Alguns trabalhavam com cirurgiões, enquanto outros com pediatras, em alguns casos o bibliotecário podia trabalhar diretamente com as famílias dos pacientes, como foi o caso do Hospital Metodista de Riverside em Columbus, Ohio. O tempo de trabalho também variava, alguns acompanharam por 3 meses as rotações semanais, enquanto outros faziam apenas visitas pontuais (Cimpl, 1985).

Estudos feitos em lugares que receberam CML apontam os seguintes benefícios: melhora no cuidado de pacientes; melhoria na educação de médicos, equipe de cuidados médicos e estudantes de medicina; conscientização dos serviços e recursos da biblioteca; economia de tempo para médicos e equipe de cuidados médicos; exposição a uma maior variedade de revistas científicas; e troca de informações entre colegas (Cimpl, 1985, p. 24 e 26, tradução pessoal).

O bibliotecário clínico se provou um membro substancial nas equipes médicas, esses relatos se limitam a experiência dos Estados Unidos, no Brasil, a situação dos bibliotecários dos hospitais e centros de saúde ainda não é uma questão tão uniformizada. A começar pela nomenclatura, na literatura brasileira foram encontradas três variações, bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista clínico, cada um com um papel diferente a ser executado. Seguem as definições de cada um de acordo com Beraquet *et al* (2007):

- **Bibliotecário médico:**

Trata-se do bibliotecário atuante em bibliotecas médicas de instituições de ensino ou de saúde. Este profissional não integra equipes clínicas, apenas colabora com os profissionais da saúde nas seguintes linhas de atuação: cooperar no diagnóstico médico, realizar pesquisas acadêmicas para os estudantes de medicina, distribuir informações sobre saúde às pessoas, usar diferentes canais de comunicação para a busca de informação de qualidade, como Internet e bases de dados (p. 4).

- **Bibliotecário clínico:**

[...] o bibliotecário clínico atua em equipes clínicas e provê médicos e demais membros da equipe com informações que lhes permitam a melhor decisão sobre os pacientes, com base na informação científica disponível, contribuindo assim para o melhor atendimento à população. O bibliotecário clínico se ocupa das atividades de recuperação e transferência da informação, adaptando-a às necessidades de informação dos usuários, num papel de mediador dessa informação, e não mais de intermediário. Essa mediação envolve interação; inter, multi e transdisciplinaridade; bem como o desenvolvimento de habilidades relacionadas à aprendizagem autônoma e crítica (p.5).

- E por fim informacionista clínico:

Diferente do bibliotecário médico, o informacionista pode ser descrito como um profissional clínico de informação, de formação híbrida da convergência da Biblioteconomia e Ciência da Informação com as Ciências Médicas. Sua missão é comunicar responsavelmente os resultados da investigação científica à comunidade médica, atuando como ponte entre a experiência e o conhecimento tácito do profissional da saúde com a informação-conhecimento científico disponível na literatura (conhecimento explícito), com o objetivo de sustentar as decisões para uma prática clínica eficaz e alcançar alto nível de qualidade na atuação clínica.

Trata-se de um profissional híbrido, um pesquisador com formação em estatística, epidemiologia e outras competências nem sempre presente nos clínicos, é um especialista que analisa e verifica os conhecimentos que sustentam a prática clínica com base na literatura científica produzida (p.6).

Ainda segundo Beraquet *et al* (2007), no geral, esse tipos de profissionais, não importa qual dos três seja, devem possuir as seguintes qualificações: “comunicação verbal e escrita, bom senso e ética, flexibilidade e domínio do idioma inglês. O profissional da informação precisa conhecer e dominar a terminologia da área da saúde, bem como sobre epistemologia, estatística e políticas públicas” (p. 4), eles complementam a afirmação dizendo que o objetivo principal deve ser o de identificar as necessidades informacionais e selecionar a melhor prática segundo a prática clínica baseada em evidências.

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia de Cunha e Cavalcanti (2008), apresenta as seguintes definições para bibliotecários da área da saúde: de área médica é: “o que trabalha em biblioteca especializada nas áreas biomédicas”; de biblioteca hospitalar é: “o responsável pelas atividades de uma biblioteca hospitalar” e por fim o de biblioteca médica é: “o que trabalha numa biblioteca médica”(p. 54).

As definições dos tipos de biblioteca oferecem mais informações sobre o que define essa “subcategoria” da profissão. A biblioteca hospitalar é: “biblioteca existente em hospital para atender à necessidade de leitura dos pacientes e do pessoal especializado. Em algumas também são encontrados livros e periódicos de medicina”; a biblioteca médica é: “biblioteca especializada em ciências biomédicas” (p. 51). No geral, os termos podem ser usados livremente para descrever qualquer biblioteca de centros de saúde ou hospitais, o que pode diferenciar um termo do outro é que o fato de biblioteca médica ser um termo guarda chuva. O dicionário não apresenta os termos apresentados por Beraquet *et al.*, o que era de se esperar uma vez que o assunto ainda não é muito consolidado na literatura nem na área, a situação não mudou muito nos últimos 15 anos, pois até mesmo dentro dos círculos que estudam esse tipo de bibliotecário não há um consenso entre as definições.

Silva (2005) caracteriza esses profissionais da seguinte maneira:

No Brasil, os bibliotecários médicos desempenham suas atividades nas bibliotecas médicas de instituições de ensino ou de saúde e seus clientes são geralmente, além da comunidade externa, estudantes, professores, pesquisadores, e profissionais da saúde. Bibliotecários médicos são importantes parceiros das equipes de cuidados de saúde, nas pesquisas médicas e na educação dos profissionais de saúde, assim como no fornecimento de informação de alta qualidade para o público em geral (p.134).

Silva combina as duas funções, a de bibliotecário clínico, o que segundo Beraquet *et al* (2007) trabalha diretamente com as equipes médicas e o bibliotecário médico, que realiza o trabalho de pesquisa mas ajuda as equipes médicas de forma indireta. Há contudo um consenso entre os autores, as atividades realizadas pelos bibliotecários da área médica estão não apenas ligadas à pesquisa, mas também a serviços de informação para a população geral, não importa se ele trabalha direta ou indiretamente com as equipes clínicas. Sobre o assunto Beraquet e Ciol (2009), complementam que:

A complexidade da área de informação em saúde e a incerteza das atividades que ela abrange têm acarretado a confusa e instável terminologia da profissão: informacionista, documentalista, cientista da informação, bibliotecário especializado, para referirem-se a profissionais que podem fazer o mesmo tipo de trabalho. Acredita-se, porém, que a prática efetiva de bibliotecários na área da saúde poderá contribuir para a definição da Biblioteconomia clínica e das claras fronteiras de atuação do profissional (p. 6).

No Brasil, os bibliotecários que trabalham na área da saúde podem ser chamados de bibliotecário hospitalar, bibliotecário médico, bibliotecário biomédico, bibliotecário clínico ou informacionista (Biaggi; Valentim, 2018). A falta de uma nomenclatura comum destaca a falta de estudos sobre o campo no país.

A Medical Library Association (MLA), com a tradução de Silva (2007) aponta que é dever dos bibliotecários da saúde: desenhar, desenvolver, navegar e manter sites; localizar recursos impressos e eletrônicos; criar e administrar produtos e serviços que proporcionam informação facilmente; selecionar e comprar livros, revistas e vídeos (em formato impresso e eletrônico); organizar livros, revistas e recursos eletrônicos para o uso rápido e fácil; ensinar os outros a utilizar os computadores, a web e outros sistemas a fim de encontrar a informação que necessitam; realizar empréstimo entre diferentes unidades de informação da área da saúde e por fim, servir à sociedade mediante a localização da informação para melhorar o serviço à população.

Ainda segundo a MLA, além dos hospitais, clínicas e universidades dos cursos

da saúde, o bibliotecário médico/ clínico também pode atuar nas seguintes instituições: empresas (de seguro de saúde ou farmacêutica); agências governamentais; portais de Internet; bibliotecas públicas e centros de pesquisa e informação.

A era atual se beneficia da grande quantidade de informação que cresce cada vez mais numa velocidade nunca vista antes, todos os dias milhares, senão milhões de pesquisas são publicadas, auxiliando no avanço da ciência. Contudo a quantidade de informação existente também pode ser uma malefício, com Internet não apenas a sociedade pode se conectar com o mundo, mas também espalhar mentiras para todo o mundo, por esse motivo ter um profissional que conheça o ciclo informacional (geração, organização, disseminação e uso da informação) é algo precioso em instituições ligadas à saúde.

Organizar, coletar e selecionar a informação mais pertinente faz parte do fazer bibliotecário, a rapidez e agilidade que os profissionais da informação possuem são essenciais num ambiente que precisa de respostas rápidas e não somente isso, certas. O principal papel dos bibliotecários inseridos nos ambientes de saúde é o de auxiliar as equipes médicas a encontrar as informações mais pertinentes e corretas no menor espaço de tempo possível, é importante ressaltar que a qualidade da informação é sempre a prioridade para os três tipos de profissional, seja o bibliotecário clínico, o bibliotecário médico ou o informacionista clínico. Em suma, "No hospital, o bibliotecário clínico é o profissional que leva a biblioteca ao usuário, antecipa suas questões e busca entregar ao profissional da saúde a informação adequada; [...]" (Ciol; Beraquet, 2009).

Para fins de melhor explorar os vários papéis que o bibliotecário da área médica pode assumir, será feita uma divisão, primeiramente as atividades ligadas à pesquisa serão exploradas e depois quais as funções sociais esses profissionais devem desenvolver.

5. 1 A PESQUISA

O domínio do ciclo informacional é o que justifica a presença de bibliotecários em equipes clínicas, uma vez que os profissionais da saúde são treinados e formados para tomar as decisões médicas e cuidar de seus pacientes. Segundo Biaggi e Valentim (2018): "o bibliotecário clínico atua como um gestor da informação ao prospectar informações sobre um determinado caso, à medida que otimiza o

compartilhamento da informação adequada às necessidades informacionais da equipe médica” (p. 31).

A Medicina Baseada em Evidências (MBE) foi criada nos anos 80 por um grupo de pesquisadores canadenses e foi considerada uma mudança de paradigma na área médica, pois tinha como objetivo estabelecer uma prática médica baseada em evidências de experimentos científicos bem conduzidos. A quantidade de novas informações sendo produzidas num curto período de tempo foi o que motivou a criação de uma nova metodologia, este é um dos contextos que se vê necessário a mediação da informação feita por um bibliotecário, já que os médicos e residentes não têm tempo disponível para fazer as pesquisas necessárias (Biaggi; Valentim, 2018).

A MBE possui 5 etapas básicas: 1) formulação de uma pergunta (necessidade informacional); 2) busca da melhor evidência na literatura; 3) avaliação crítica e análise da aplicabilidade; 4) união da avaliação crítica com a experiência clínica e os valores do paciente; 5) consideração das etapas 1 a 4, a fim de aperfeiçoamento. Levando em consideração o que a CBO descreve como deveres do bibliotecário é possível perceber como ele pode ser útil nas 3 primeiras etapas da MBE (Biaggi; Valentim, 2018).

Por fim,

A prática da MBE implica não somente conhecimento e experiência clínica, mas também conhecimentos técnicos para procurar, encontrar, interpretar e aplicar os resultados de estudos científicos epidemiológicos aos problemas individuais de seus pacientes. Implica também conhecer como calcular e comunicar os riscos e os benefícios dos diferentes cursos de ação aos seus pacientes (Silva, 2005, p. 140).

Na prática a MBE envolve três tipos de pessoa, o médico, o paciente e o bibliotecário, cada um terá um papel a ser desenvolvido. Ao médico cabe conhecer os processos básicos da pesquisa e “ter consciência dos itens envolvidos no processo de tomada de decisão clínica, como eles interagem e como individualizar sua conduta para o doente que está na sua frente” (Silva, 2005, p. 141). Ao doente basta apenas entender como os processos clínicos são realizados e como elas irão afetá-lo. Já o bibliotecário deve conhecer todos os processos dos outros dois membros (Silva, 2005).

Os lugares mais comuns que um bibliotecário pode trabalhar e que estão ligados a área da saúde são a biblioteca universitária de uma faculdade da área ou um hospital universitário. Lá ele realiza as atividades mais básicas da profissão como atendimento ao usuário, auxílio à pesquisa e treinamento em bases de dados, tarefas

que exigem conhecimento, mesmo que superficial, do curso de origem do aluno. No Brasil, o conhecimento especializado é adquirido através da prática, uma vez que os cursos de graduação em Biblioteconomia são mais gerais, com disciplinas focando nos processos básicos da profissão.

O papel dos bibliotecários e das escolas médicas no século XXI é o de:

- 1) preparar os docentes para a construção coletiva do conhecimento, em que o aluno possa ser ator participativo desse processo;
- 2) criar condições para que o ensino seja baseado em evidências;
- 3) disseminar a prática da pesquisa desde os primeiros anos da graduação, para que se torne um ato natural; e
- 4) promover um ambiente favorável ao trabalho multidisciplinar, por meio de projetos de pesquisa que envolvam as duas áreas (Ciol; Beraquet, 2009, p. 228-229).

Em 2005 Vera Silva Marão Beraquet e Renata Ciol estudaram a possibilidade da inserção da Biblioteconomia clínica dentro de um hospital universitário brasileiro. Nele, as autoras explicam que no Brasil, os hospitais universitários em conjunto com os hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS) são responsáveis pelo atendimento de grande parte da população. A grande demanda informacional gerada pela necessidade de resolver problemas a partir da pesquisa faz com que uma equipe multidisciplinar seja de suma importância. Os hospitais universitários são por essência lugares de educação e pesquisa e a interdisciplinaridade proporciona aos estudantes uma formação rica e ampla.

Sobre a formação do médico durante o período de residência, Beraquet e Ciol (2005) apontam que: “[...] não se trata apenas de receber informação, o recém-formado precisa aprender a elaborar o próprio conhecimento e a se relacionar com o paciente com humanismo, [...]” (p. 6). O elemento da pesquisa é, portanto, fundamental nos hospitais universitários, indicando a necessidade de um bibliotecário, tanto para o treinamento nas bases de dados (bibliotecário médico) quanto para a tomada de decisões clínicas (bibliotecário clínico).

[...] mesmo não sendo um profissional claramente reconhecido no Brasil, o bibliotecário médico ou hospitalar pode estar desenvolvendo as mesmas atividades que o bibliotecário clínico descrito na literatura internacional. O único diferencial, no caso brasileiro, estaria na inserção desse profissional em equipes multidisciplinares segundo as especificidades e determinações do SUS. A educação especializada pode ser uma opção para diferenciar a Biblioteconomia clínica dos demais campos abrangidos pela Ciência da Informação. O bibliotecário clínico executa todas as atividades dos outros bibliotecários, porém atua como parte integrante de uma equipe de saúde, sendo também importante colaborador na decisão final do médico sobre determinado paciente (Beraquet; Ciol, 2005, p. 7).

Outro relato de experiência vem da Biblioteca do Centro de Estudos do Hospital Felício Rocho (CEHFR), cujo objetivo principal é: “auxiliar com informação focada nas especialidades atendidas no hospital” (Souza, 2020, p. 142). Os usuários da biblioteca são: corpo clínico, residentes, equipe assistencial: enfermagem, psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, assistência social e estagiários dessas áreas. Os residentes fazem parte do grupo que mais frequenta a biblioteca, pois ainda estão estudando e precisam apresentar uma monografia no final do curso, além disso, eles são sempre incentivados a produzir novas pesquisas (Souza, 2020).

As atividades realizadas pelos bibliotecários do CEHFR são: empréstimo domiciliar do acervo; acesso à Internet: disponibilização de computadores na biblioteca com acesso liberado a Internet para o corpo clínico, residentes e especializando; realização de levantamento bibliográfico nas bases de dados e nas fontes de informação em saúde; busca ativa de artigo e envio por e-mail; Disseminação Seletiva da Informação (DSI): envio de sumário corrente sobre novidades, novas aquisições e artigos publicados nas principais revistas médicas; realização de COMUT: comutação bibliográfica com biblioteca da área médica para obtenção de cópias de documentos técnico-científicos disponíveis em acervos de bibliotecas de todo o Brasil e outros países; reprografia; acesso institucional a sumários de MBE; treinamentos no acesso à base de dados em saúde e em fontes de MBE; elaboração de manuais da biblioteca e do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Felício Rocho (CEPHFR); orientação de projetos de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP); orientação de projetos de pesquisa e formatação bibliográfica e, por fim assessoria de bioestatística no desenho metodológico, cálculo amostral e elaboração de questionário para coleta de dados (Souza, 2020). É possível perceber que as atividades desenvolvidas pela biblioteca têm como foco o desenvolvimento acadêmico e científico dos usuários, sempre pensando no bem estar dos pacientes do hospital.

5.1.2 A PANDEMIA DE COVID-19

Partindo agora para experiências mais recentes, com a pandemia de COVID-19 de 2020, todo serviço classificado como não essencial parou de funcionar, ou passou a funcionar de modo remoto devido ao alto grau de contágio e mortalidade da doença e com as bibliotecas não foi diferente. As bibliotecas públicas, escolares e universitárias fecharam seus prédios e passaram a realizar seus serviços de modo

online, mas claro, sem empréstimos, contudo as bibliotecas de instituições de saúde funcionaram de modo presencial durante o período de lockdown, e se mostraram extremamente úteis.

A urgência por informações sobre como tratar e prevenir a doença junto da disseminação rápida de notícias falsas sobre a doença fizeram com a avaliação das fontes de informação e evidências científicas se tornasse uma tarefa crucial. E ninguém melhor do que o bibliotecário clínico para realizar a tarefa, já que esse tipo de profissional possui conhecimento de fontes de informação, como o PubMed e os vários tipos de estudos médicos. Saber navegar o mar de novas informações sobre a doença era uma necessidade, a doença foi decretada pela primeira vez em março de 2020 e em fevereiro de 2021 o PubMed possui um total de 102,470 resultados para COVID- 19 (Souza *et al*, 2021).

No início da pandemia, Ali e Gatiti estabeleceram 3 atividades principais que os bibliotecários podiam realizar durante o período dentro do contexto do Paquistão, apesar de descreverem uma experiência local, elas podiam ser aplicadas mundialmente. As tarefas eram:

- 1) Conscientizar a sociedade sobre a saúde pública através da criação e disseminação informações relativas à prevenção;
 - 2) Apoiar equipes de pesquisadores e funcionários providenciando informação sobre as evoluções, pesquisas e literatura científica;
 - 3) Prover as necessidades básicas dos usuários da biblioteca
- (Ali; Gatiti, 2020, p. 158, tradução própria).

Sobre a responsabilidade com a saúde pública é dever de todo bibliotecário, não importa seu lugar de trabalho (biblioteca pública, universitária, médica, etc) compartilhar informações sobre a pandemia. Coisas como o uso correto de máscara, o distanciamento social e a higienização correta das mãos, foram essenciais para que a taxa de contágio permanecesse a menor possível e não afogasse o sistema de saúde. Além disso, dicas de como evitar desinformação disseminada pelas redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp também podem ser desenvolvidas e divulgadas por bibliotecários (Ali; Gatiti, 2020). Essa atividade junta os dois tipos de responsabilidade dos bibliotecários na área da saúde, para com a pesquisa e a sociedade.

A MLA também divulgou algumas atividades que poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários, são elas:

- a) Realizar curadoria de recursos de informação para apoiar os prestadores de cuidados de saúde que estão em transição para a linha de frente, em preparação para um aumento nas hospitalizações, incluindo aposentados que

- entram novamente na força de trabalho para cuidar de pacientes;
- b) Prestar uma pesquisa abrangente de informações baseadas em evidências sobre tópicos como equipamentos de proteção individual (EPI), higienização e reutilização, necessários proteção dos prestadores de serviços de saúde da linha de frente;
- c) Oferecer serviços rápidos de pesquisa e síntese de evidências para apoiar o tratamento de pacientes de alto risco e áreas de atendimento especializado, além de informar decisões de gerenciamento clínico e segurança pública” (Souza *et al.*, 2020, p. 8)

É possível perceber que as atividades propostas pela MLA não são muito diferentes das de Alli e Gatiti, ou seja, há um consenso no papel do bibliotecário em situações de pandemia. Os trabalhos em conjunto das equipes médicas e a preocupação com a sociedade são a prioridade.

Em abril de 2020, a Biblioteca Médica do Centro de Estudos do Hospital Felício Rocho (CEHFR), a mesma já mencionada, teve seus serviços suspensos completamente por duas semanas, após a sua volta destacam-se os seguintes serviços oferecidos pela equipe bibliotecária de modo remoto: levantamento bibliográfico em Bases de Dados e fontes de informação em saúde; busca ativa de artigos; renovação do acesso institucional a sumários de MBE; reuniões clínicas; assessoria estatística na elaboração de projeto de desenho metodológico, cálculo amostral e elaboração de questionário para coleta de dados e assessoria na elaboração de projetos de pesquisa para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (Souza, *et al.*, 2020). Tudo isso demonstra a capacidade do bibliotecário de se adaptar aos instrumentos disponíveis e às situações.

Souza *et al.* apontam outra possibilidade de atuação do bibliotecário clínico na Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS), área multidisciplinar que conta com médicos, economistas, estatísticos, pesquisadores e bibliotecários. O trabalho desses profissionais é avaliar as novas tecnologias disponíveis no mercado da saúde e fazer estudos em cima deles. Durante a Pandemia, os bibliotecários clínicos desenvolveram uma biblioteca virtual sobre a COVID- 19 a fim de disseminar, organizar e indexar artigos científicos (Souza *et al.* 2020). Além disso, para que as vacinas fossem desenvolvidas em tempo record e foi necessário muita pesquisa

Em suma, a integração de um bibliotecário em equipes clínicas pode ajudar no desenvolvimento da ciência uma vez que “o papel a ser desempenhado pelo bibliotecário clínico é o de um especialista com diferentes conhecimentos, competências e habilidades, que leva a equipe de saúde a melhor e mais atualizada evidência científica, clinicamente relevante e aplicável ao problema em questão”

(Biaggi; Valentim, 2018, p.35).

5. 2 A FUNÇÃO SOCIAL

Hospitais e centros de saúde não são apenas lugares de produção científica, são lugares que cuidam de pessoas doentes, além do estado de saúde frágil deles, seu estado de saúde mental e de seus familiares também merecem atenção. Segundo Galvão (2021) todo ser humano é um usuário da informação em saúde, não importa sua religião, raça, cultura e principalmente situação econômica e social. Tendo isso em mente, os bibliotecários que trabalham nesses ambientes também devem sanar suas necessidades com os meios que possuem, informação e cultura.

Galvão (2021) compila casos em que esses dois elementos ajudaram tanto os pacientes quanto seus familiares a lidarem com as situações difíceis pelas quais estavam passando. O primeiro descreve um pai que ao saber que seu filho pequeno tinha uma doença incurável foi acalentado pela música. O segundo exemplo é o de uma criança que através da realidade aumentada pode brincar no hospital, o que a deixou muito feliz e melhorou sua experiência hospitalar. O bem estar social e mental dos pacientes são fundamentais para a melhora do paciente, “Muitas vezes, a condição de enfermidade do paciente só será superada se ele conseguir alterar suas dificuldades sociais, culturais ou econômicas” (Galvão, 2021, p. 173).

O papel social do bibliotecário não se limita apenas na questão cultural, fornecer informações corretas a todas as camadas da sociedade também é um dever da Biblioteconomia. Num mundo onde qualquer um pode dizer qualquer coisa na Internet, os conteúdos sobre saúde geram engajamento e se popularizam com facilidade, ter profissionais especializados em compartilhar as informações corretas é fundamental para o bem estar social.

Conhecer e divulgar as fontes de saúde confiáveis foi de extrema importância durante a Pandemia de COVID- 19, a mediação da informação é tão importante quanto o auxílio à pesquisa, pois ela ajuda a evitar que as pessoas acreditem em mentiras da Internet e sofram as consequências das mentiras contadas na Internet que, em sua maioria são prejudiciais e podem até mesmo causar a morte dessas pessoas. É por isso que de acordo com Galvão (2021)

não faz sentido esperar que apenas bibliotecas ou serviços de informação situados em unidades de saúde possam fornecer as informações em saúde que toda a comunidade de usuários da informação necessita. Para que a informação em saúde chegue para mais pessoas, é preciso que se pense em

iniciativas colaborativas envolvendo diferentes instituições (p.175).

Ainda segundo a autora, esses lugares podem ser:

instituições de saúde (unidade de atenção básica, clínicas especializadas, hospitais); instituições de ensino em todos os níveis, instituições culturais (incluindo-se aqui todos os tipos de bibliotecas já mencionados, bem como arquivos, museus e centros culturais), instituições de pesquisa, empresas fornecedoras de produtos e serviços em saúde, instituições de gestão e desenvolvimento de políticas públicas, e os demais contextos sociais onde a informação possa ser compartilhada, como igrejas, clubes, parques, praças (p.176).

A ideia é espalhar a maior quantidade de informações verdadeiras e tentar proteger e educar a população na medida do possível. O conhecimento em saúde possibilita que o cidadão tenha autonomia sobre sua vida e não fique à mercê de pessoas mal intencionadas. Esse conhecimento pode ser útil tanto no dia a dia quanto em momentos importantes em que decisões difíceis sobre tratamentos clínicos devem ser tomadas, como mencionado anteriormente na MBE o paciente deve ter pelo menos uma noção básica sobre seus tratamentos.

O bibliotecário deve sempre trabalhar em prol do bem estar social, seja fornecendo acesso a cultura ou informação em saúde, afinal de contas, ambos são elementos essenciais para o bem estar social e desenvolvimento da sociedade.

Pensando nisso Reis e Alves (2021) propõem, de acordo com a importância da Agenda 2030 e as diretrizes estabelecidas por outros países, como Canadá e Estados Unidos para a Biblioteconomia Clínica que os bibliotecários da área da saúde desenvolvam as seguintes funções: 1) serviços de informação sobre saúde sempre pensando nas questões sociais envolvidas; 2) trabalhar a favor de leis que favoreçam os direitos humanos, focando em grupos minoritários como mulheres e pessoas com deficiência e 3) ajudar no desenvolvimento do letramento em saúde da população, através do desenvolvimento do pensamento crítico, sempre pensando na independência da população.

Além de dominar o ciclo informacional e auxiliar equipes médicas e pesquisadores, o bibliotecário da área da saúde deve se dedicar também ao bem estar da população, pois eles também são usuários da informação em saúde.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das bibliotecas está diretamente ligada à história da informação registrada. As primeiras bibliotecas de que se tem conhecimento são as da Mesopotâmia, Egito e Alexandria, talvez a mais famosa de todas. Essas bibliotecas eram, acima de tudo, depósito de registros, sejam eles feitos em tábuas de argila ou papiro, tanto que a etimologia original da palavra biblioteca reflete isso. A palavra biblioteca é de origem grega e significa ao pé da letra “armário de livros”, ou seja apenas um lugar que guarda e mantém livros. Na Antiguidade, o trabalho dos bibliotecários era limitado a copiar, organizar e catalogar os materiais de suas bibliotecas, lugares, que vale ressaltar, eram fechados ao público geral, e mesmo que fossem abertos de nada adiantaria, uma vez que a maior parte da população era analfabeta. A falta de um público tornava o fazer do bibliotecário um trabalho relativamente fácil, se comparado aos desafios que a profissão enfrenta hoje, uma vez que a organização das bibliotecas era pensada apenas para a usabilidade deles mesmos ou de colegas (Barbier, 2018; Fonseca, 1996; Martins, 1996; Ortega, 2004).

O Imperador Júlio César foi o primeiro a idealizar o modelo de biblioteca pública como é conhecida hoje, o projeto, contudo, não avançou, pois o Imperador foi assassinado antes de implementá-lo. Pouco mudou durante a Idade Média, as bibliotecas ainda eram lugares de difícil acesso, sendo a Igreja Católica a principal instituição a controlar esses ambientes, que faziam parte de suas universidades e conventos. Tudo começou a mudar com a criação da imprensa em 1440 por Johannes Gutenberg, a produção exclusiva dos livros pela Igreja Católica viu seu fim proporcionando mais destaque social aos bibliotecários e às bibliotecas. Foi a partir da era moderna que os bibliotecários começaram a cumprir uma função social e passaram a operar a partir de 4 pilares: laicização, democratização, especialização e socialização (Barbier, 2018; 1996; Martins, 1996; Ortega, 2004).

O significado da palavra passou a ganhar novos significados, agora mais do que uma estante, as bibliotecas são prédios, o aumento de espaço físico das bibliotecas é um processo importante na socialização do lugar e do conhecimento. A socialização dos espaços e conhecimento abriram um precedente para o desenvolvimento da Biblioteconomia enquanto área de conhecimento, a modernidade e a Revolução Francesa também ajudaram nesse processo (Martins, 1996).

Por conta das mudanças de paradigmas causadas por esses processos começaram a surgir escolas de Biblioteconomia, primeiro na França em 1821, que

escolheu focar no papel social das bibliotecas e depois nos Estados Unidos em 1887 que focou nos processos técnicos da área (Ortega, 2004; Sousa; Rodrigues, 2013; Martins, 1996).

A primeira biblioteca brasileira foi fundada em 1549 na Bahia pela Companhia de Jesus, essa biblioteca era privada e servia apenas o colégio jesuíta. O primeiro catálogo também foi criado lá, mas em uma biblioteca aberta em 1582. E a primeira biblioteca pública brasileira foi aberta apenas em 1811 (Fonseca, 1996).

Por ser uma antiga colônia de exploração, a Biblioteconomia demorou para se desenvolver no Brasil, foi apenas em 1911 que o primeiro curso de Biblioteconomia foi inaugurado na Biblioteca Nacional. A incorporação da Documentação na área em 1954 transformou a profissão e fez com que o bibliotecário se tornasse um profissional de conhecimentos especializados que servem a ciência (Castro, 2000; Russo, 1996).

Nesse contexto de especialização da informação nascem nos Estados Unidos os bibliotecários médico e clínico, a oficialização da Biblioteconomia clínica veio na década de 70 com a bibliotecária Gertrud Lamb, que queria suprir as necessidades informacionais de equipes médicas. As equipes multidisciplinares se mostraram extremamente eficientes e a tendência se espalhou pelo mundo todo (Cimpl, 1985).

Contudo, no Brasil os estudos sobre a área ainda são iniciais, até mesmo na nomenclatura parece não haver consenso entre os autores. Apesar disso, o papel a ser desempenhado pelos bibliotecários inseridos na área da saúde parece estar bem alinhado. Cabe a eles atender as necessidades informacionais tanto de profissionais da saúde quanto da população no geral, especialmente em tempos de crise, como ocorreu com a pandemia de COVID- 19 (Ali; Gatiti, 2020; Biaggi; Valentim, 2018; Beraquet *et al.*, 2007; Beraquet; Ciol, 2009; Galvão, 2021).

No campo da pesquisa o bibliotecário é um gestor da informação que utiliza da MBE para ajudar as equipes médicas nas tomadas de decisão clínica além de fazer trabalhos mais tradicionais como treinamento em bases de dados, auxílio na pesquisa e promover ambientes multidisciplinares. No Brasil essas atividades devem estar alinhadas às diretrizes do SUS (Biaggi, Valentim, 2018; Ciol; Beraquet, 2009; Silva, 2005).

A saúde mental e o bem estar social andam de mãos dadas com o desenvolvimento científico, por isso fornecer informações corretas e meios de aprendizado sobre conceitos básicos de saúde são de extrema importância. Esse trabalho deve ser feito por bibliotecários em equipes multidisciplinares, uma vez que

é algo fundamental da profissão (Galvão, 2021; Reis; Alves; 2021).

Desde os seus primórdios a Biblioteconomia está ligada aos documentos e consequentemente à informação, o que mudou foi como a sociedade acessa e se relaciona com ela. Algumas atividades como organização por meio de catálogos, a primeira tarefa realizada em bibliotecas, permanecem e se desenvolvem até hoje, mas se na Antiguidade e Idade Média a informação era um considerado um luxo e disponível apenas a uma pequena parcela da população, atualmente ela é um direito de todos e é papel do bibliotecário difundi-la. A atuação dos bibliotecários na área da saúde é apenas mais uma faceta de uma profissão que vem se desenvolvendo ao longo dos séculos.

Espera-se que este trabalho desperte o interesse de futuros profissionais da informação para a área da saúde, além de ajudar na discussão sobre o tema, tanto para a pesquisa e desenvolvimento da pesquisa quanto para trabalhos que girem em torno das questões sociais.

7. REFERÊNCIAS

- ALI, Muhammad Yousuf; GATITI, Peter. The COVID-19 (Coronavirus) Pandemic: Reflections on the Roles of Librarians and Information Professionals. **Health Information and Libraries Journal**. v.37, n.2, p. 158-162, abr. 2020.
- AMIA. American Medical Informatics Association. 2023. Disponível em: <https://amia.org/>. Acesso em 25 maio de 2023.
- BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas**: de Alexandria às bibliotecas virtuais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- BERAQUET, Vera Silvia Marão *et al.* Bibliotecário clínico no Brasil: em busca de fundamentos para uma prática reflexiva In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ANCIB, 2007.
- BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata. O bibliotecário clínico no Brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. **DataGramaZero- Revista da Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, abr. 2009.
- BIAGGI, Camila; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Perspectivas e tendências da atuação do bibliotecário na área da saúde. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, p. 27- 32, jan./jul. 2018.
- BIREME. Centro Latino- Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/bireme/sobre-centro-latino-americano-e-do-caribe-informacao-em-ciencias-da-saude>. Acesso em 16 de ago. de 2023.
- CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CBO. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em 12 de abril de 2023.
- CIMPL, Kay. Clinical Medical Librarianship: A Review of Literature. **Bulletin of Medical Library Association**, Chicago, v. 73, n. 1, p. 21-27, 1985.
- CIOL, Renata; BERAQUET, Vera Silvia Marão. Evidência e informação: desafios da medicina para a próxima década. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p.221-230, set./ dez. 2009.
- CFB. Conselho Federal de Biblioteconomia. Disponível em: <https://cfb.org.br/conheca-o-cfb/>. Acesso em 30 de dez. de 2022
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Brique de Lemos, 2008. xvi, 451 p.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2 ed. Brasília: Brique de Lemos, 1996.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Usuários da informação em saúde: das necessidades aos produtos e serviços informacionais. *In*: CASARIN, Helen de Castro Silva. (Org.). **Usuários da Informação e Diversidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p.169-194.

HUBNER, Marcos Leandro Freitas; MODESTO, Fernando.; ATTI, Alessandra. Origens do ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 35, n. 1, p. 331-349, jan./jun. 2021.

IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. Disponível em: <https://www.ifla.org/about/>. Acesso em 12 de novembro de 2022.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MLA. Medical Library Association. Disponível em: <https://www.mlanet.org/p/cm/ld/fid=334>. Acesso em 16 de ago. de 2023.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v. 5, n.5, out. 2004.

REIS, Debora Crystina; ALVES, Ana Paula Meneses. Competências profissionais para bibliotecários na área da saúde: reflexões sobre a responsabilidade social. **ANCIB**, v. 14, 2021.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1966.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SANTOS, Ana Paula Lima dos; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116- 131, jul./ dez. 2013

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2013

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Atuação do bibliotecário médico e sua interação com os profissionais da saúde para busca e seleção de informação especializada. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 131-151, jul/dez. 2005.

SMITH, Johanna W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.26, n.1/2, p.81-85, jan./jul..1993

SOUZA, Amanda Damasceno de. A Biblioteca do Centro de Estudos do Hospital Felício Rocho: um olhar para a atuação do bibliotecário clínico. **Ciência da Informação em revista**, v. 7, n. 3, p. 134- 152, 2020.

SOUZA, Amanda Damasceno de; FERNANDES, Mariana Ribeiro; JUNIOR, Adelino de Melo Freire. Atuação do Bibliotecário Clínico em tempos de pandemia da COVID-19 **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-20, 2021.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Tendências e perspectivas profissionais e as competências essenciais para a formação e a atuação do bibliotecário. **Revista eletrônica da ABDF**, v. 3, n. 2, p. 46- 63, 2019.